UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA LAURA DE MOURA DIAS

REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE DOCENTE EM *REELS* HUMORÍSTICOS NO *INSTAGRAM*: DISCURSOS, PERFORMANCES E ESTEREÓTIPOS SOBRE "SER PROFESSORA"

JOÃO PESSOA – PB
2026

ANA LAURA DE MOURA DIAS

REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE DOCENTE EM *REELS* HUMORÍSTICOS NO *INSTAGRAM*: DISCURSOS, PERFORMANCES E ESTEREÓTIPOS SOBRE "SER PROFESSORA"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para o título de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus de João Pessoa, sob orientação da Prof.ª. Drª Patrícia Silva Rosas de Araújo.

JOÃO PESSOA - PB

2026

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D541r Dias, Ana Laura de Moura.
Representações da identidade docente em reels humorísticos no instagram: discursos, performances e estereótipos sobre ?ser professora? / Ana Laura de Moura Dias. - João Pessoa, 2026.
68 f. : il.

Orientação: Patricia Silva Rosas de Araújo.
Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Identidade docente. 2. Instagram. 3. Reels. 4. Humor. 5. Discursos. I. Araújo, Patricia Silva Rosas de. II. Título.

UFPB/CE CDU 37-051(043.2)

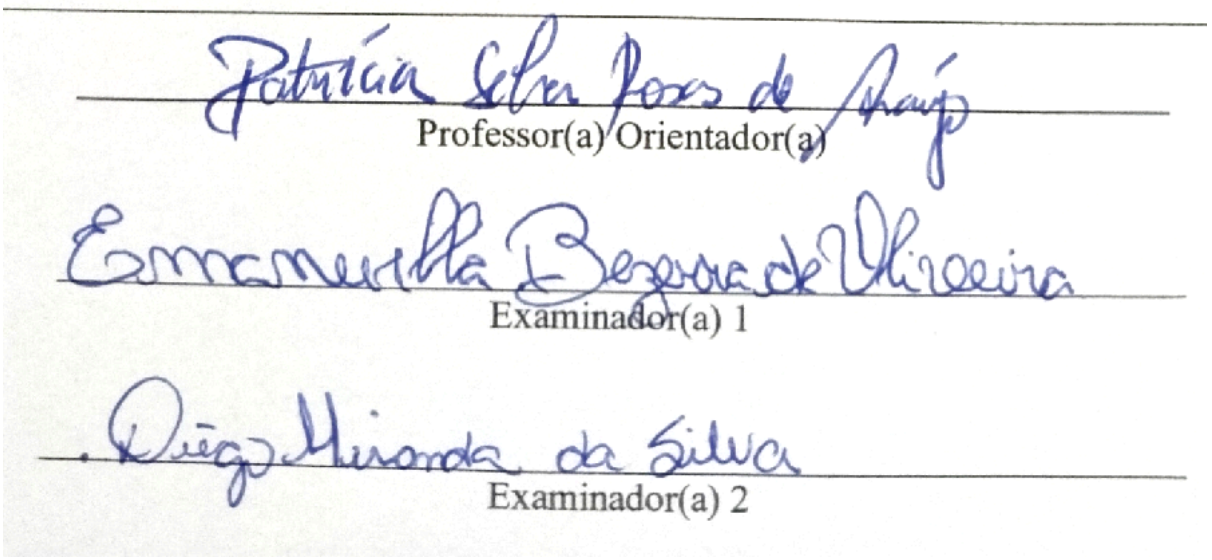
Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

ANA LAURA DE MOURA DIAS

REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE DOCENTE EM *REELS* HUMORÍSTICOS NO *INSTAGRAM*: DISCURSOS, PERFORMANCES E ESTEREÓTIPOS SOBRE "SER PROFESSORA"

DEFESA EM 13/08/2026

BANCA EXAMINADORA



João Pessoa - PB

2026

AGRADECIMENTOS

Há quem diga que chegar até aqui é resultado de esforço. Eu acredito que é, sobretudo, resultado de pessoas. Pessoas que seguraram a minha mão quando eu já não tinha forças para continuar, que acreditaram em mim quando eu mesma duvidei e que me lembraram, inúmeras vezes, de que alguns sonhos merecem ser insistidos. Sou profundamente grata pela persistência que me manteve de pé, mesmo nos dias em que desistir parecia a escolha mais fácil.

À minha mãe, Rosinalva de Moura Dias, dedico um agradecimento que jamais caberá em palavras. Obrigada por nunca permitir que eu desistisse dos meus sonhos, nem mesmo quando eles pareciam distantes. Este trabalho também é seu. Amo você, mais que o céu, o mar, as estrelas e o infinito.

À Maria Helena de Moura Dias, minha irmãzinha e minha melhor amiga. Você me inspira, todos os dias, a continuar vivendo, sonhando e me tornando um ser em constante construção. Obrigada por existir e por tornar a minha vida mais bonita com a sua. Que você nunca se esqueça do quanto é amada e do quanto faz parte de tudo o que conquistei. Te amo.

À Alessandra Faustino, minha melhor amiga e dupla inseparável. Vencemos juntas, querida. Obrigada por dividir comigo muito mais do que a vida universitária. Você se tornou minha irmã de caminhada, de sonhos e de vida. Há pessoas que a universidade nos apresenta e há aquelas que ela nos presenteia. Você foi, sem dúvida, o meu maior presente. Que a nossa amizade continue atravessando todos os capítulos que ainda escreveremos. Amo você.

À Taylor Swift, cuja música tantas vezes foi abrigo, coragem e companhia. Como ela mesma canta: “Para encurtar essa história, sobrevivi”. Em muitos momentos, essa frase pareceu resumir exatamente a minha trajetória.

À professora Patrícia Rosas, pela generosidade, pelo incentivo e por acreditar neste percurso. Também agradeço a cada professora e professor que, em diferentes momentos da minha formação, ajudaram a construir este trabalho muito antes que ele existisse. Cada aula, cada conversa, cada leitura compartilhada e cada palavra de incentivo deixaram marcas na professora que me torno. Vocês vivem, de alguma forma, nestas páginas. “Ser professora” é habitar uma catedral de infinitudes, um espaço construído pelo conhecimento, sustentado pelo afeto e iluminado pela esperança de transformar vidas.

Às professoras e aos professores que compõem esta banca, agradeço pela disponibilidade, pelo olhar atento e pela generosidade em dialogar com esta pesquisa.

Aos meus colegas e irmãos de trabalho, obrigada por caminharem ao meu lado. Vocês fizeram os dias difíceis parecerem mais leves, dividiram desafios, risos e aprendizados. Vocês são, verdadeiramente, Super.

E, por fim, às crianças. Aos seus sorrisos, às suas perguntas, às descobertas e à maneira como transformam os dias mais comuns em algo extraordinário. Foi por vocês e graças a vocês que encontrei inspiração para escrever estas páginas e reafirmar, todos os dias, a minha escolha pela docência.

A todos que fizeram parte desta caminhada e me permitiram chegar até aqui, o meu mais sincero obrigada. Eu amo cada um de vocês e carrego essa gratidão a cada batida do meu coração. Se estas páginas contam uma pesquisa, elas também contam uma história de amor pela educação, pela docência e por todas as pessoas que fizeram de mim quem sou.

“Nós somos infinito.”
(Stephen Chbosky)

RESUMO

Esta pesquisa analisa como *reels* humorísticos publicados no *Instagram* constroem representações do "ser professora" e produzem sentidos acerca do fazer pedagógico, da atuação docente e dos saberes profissionais na contemporaneidade. É uma pesquisa qualitativa, de base descritivo-interpretativista. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em estudos sobre linguagem, humor, identidade docente e culturas digitais. Nosso aporte teórico fundamenta-se em Nóvoa (2009), Freire (1996), Rosas (2024), Possenti (ano), dentre outros. O *corpus* é constituído por três *reels* publicados entre 2025 e 2026 pelos criadores de conteúdo Diogo Almeida, Roberto Maur (Tia Lousa) e Sônia Kaminski. A análise evidencia que os reels ultrapassam a função de entretenimento e constituem práticas discursivas que produzem e fazem circular representações socialmente compartilhadas sobre a docência. Os resultados revelam que essas representações se organizam em torno de três eixos principais: a construção da identidade docente a partir de práticas, objetos e performances reconhecidas socialmente; a ampliação das responsabilidades atribuídas à professora para além do ensino; e a articulação entre formação acadêmica e saberes experienciais no exercício da profissão. Verificou-se, ainda, que o humor mobiliza recursos discursivos, performáticos, humorísticos e multimodais, cuja eficácia depende da memória social compartilhada pelos interlocutores e do reconhecimento de experiências recorrentes do cotidiano escolar. Os *reels* analisados reproduzem representações historicamente associadas à feminização do magistério, ao mesmo tempo em que tensionam estereótipos ao evidenciar a sobrecarga de trabalho, a complexidade da prática pedagógica e as contradições que atravessam o exercício da docência. Conclui-se que o humor opera como prática discursiva capaz de produzir, negociar e ressignificar sentidos sobre a profissão docente, configurando o *Instagram* como um espaço relevante de construção de imaginários sociais acerca do “ser professora”. Desse modo, o estudo contribui para ampliar as discussões sobre linguagem, educação e cultura digital ao reconhecer os *reels* humorísticos como objetos legítimos para a investigação das representações da identidade docente na contemporaneidade.

Palavras-chave: Identidade docente. *Instagram. Reels.* Humor. Discursos.

ABSTRACT

This study analyzes how humoristic reels published on Instagram construct representations of "being a female teacher" and produce meanings regarding pedagogical practice, teaching performance, and professional knowledge in contemporary times. This is a qualitative, descriptive-interpretive, and bibliographic study grounded in the theoretical frameworks of language, humor, teacher identity, and digital cultures proposed by Nóvoa (2009, 2017), Freire (1996), Rosas (2024), Possenti (2018), among others. The corpus comprises three reels published between 2025 and 2026 by content creators Diogo Almeida, Roberto Maur (Tia Lousa), and Sônia Kaminski. The analysis shows that reels go beyond entertainment, constituting discursive practices that produce and circulate socially shared representations of teaching. The results reveal that these representations are organized around three main axes: the construction of teacher identity based on socially recognized practices, objects, and performances; the expansion of responsibilities assigned to teachers beyond instruction; and the articulation between academic training and experiential knowledge in professional practice. Furthermore, humor mobilizes discursive, performative, and multimodal resources whose effectiveness relies on the interlocutors' shared social memory and the recognition of recurring everyday school experiences. The analyzed reels reproduce representations historically associated with the feminization of teaching while simultaneously challenging stereotypes by highlighting workload overextension, pedagogical complexity, and teaching contradictions. It concludes that humor operates as a discursive practice capable of producing, negotiating, and resignifying meanings about the teaching profession, establishing Instagram as a relevant space for constructing social imaginaries about "being a female teacher".

Keywords: Teaching identity. Instagram. Reels. Digital humor. Discourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Perfil do *Instagram* de Diogo Almeida 14
Figura 2. Perfil do *Instagram* de Roberto Maur 15
Figura 3. Perfil do *Instagram* de Sônia Kaminski 17
Figura 4. Será que sou professora? 38
Figura 5. *Reel* ´Será que sou professora?" 38
Figura 7. *Reel* `Enquanto isso na sala de aula…" 44
Figura 8. Professora 48
Figura 9. *Reel* 'Professora" 49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Transcrição do áudio do vídeo: 38
Quadro 2 - Transcrição do áudio do vídeo: 44
Quadro 3 - Transcrição do áudio do vídeo: 49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 6

1.1 Meu encontro com a docência: Trajetória Pessoal e acadêmica 6

1.2 Contextualização da Pesquisa 8

1.3 Problema de Pesquisa 10

1.4 Objetivos da Pesquisa 10

1.4.1 Objetivo geral 10

1.4.2 Objetivos específicos 11

1.5 Justificativa 11

1.6 Aspectos Metodológicos 12

1.6.1 Natureza da pesquisa 12

1.6.2 Constituição do *corpus* 13

1.6.3 Uso de ferramentas de inteligência artificial 18

1.7 Organização do TCC 19

2. IDENTIDADE DOCENTE, FORMAÇÃO, TRABALHO E REPRESENTAÇÕES DA DOCÊNCIA NO *INSTAGRAM* 21

2.1 Identidade docente: Perspectivas teóricas e construções sociais 22

2.2 Feminização do magistério e trabalho de cuidado 24

2.3 Formação docente e saberes da profissão 26

2.4 O trabalho docente na contemporaneidade 28

3. HUMOR E REPRESENTAÇÕES DA DOCÊNCIA NO *INSTAGRAM* 32

3.1 *Instagram*, *Reels* e cultura digital 34

3.2 A multimodalidade do *reel* 35

4. REPRESENTAÇÕES DO "SER PROFESSORA" NOS *REELS* HUMORÍSTICOS: DISCURSOS, PERFORMANCES E PRODUÇÃO DE SENTIDOS 37

4.1 A performance do "ser professora": Objetos, práticas e reconhecimento social 37

4.2 Identidade Docente: Ensinar ou cuidar? 43

4.3 Entre a formação acadêmica e os saberes experienciais: Como a docência se resolve na sala de aula? 48

4.4. Síntese das representações do “Ser Professora” nos *Reels* 54

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 56

REFERÊNCIAS 61

1 INTRODUÇÃO

Toda pesquisa nasce de uma inquietação. Antes de transformar-se em problema científico, ela costuma surgir de experiências, perguntas e encontros que mobilizam o pesquisador a olhar para determinado fenômeno com maior atenção. No campo da Educação, essas inquietações frequentemente se entrelaçam às trajetórias pessoais e profissionais daqueles que investigam, uma vez que pesquisar a docência também significa refletir sobre os sentidos atribuídos ao ensinar, ao aprender e ao tornar-se professor.

Este capítulo apresenta o percurso que deu origem a esta investigação. Inicialmente, é narrado o encontro da pesquisadora com a docência, evidenciando como experiências pessoais e acadêmicas contribuíram para a construção do objeto de pesquisa. Em seguida, contextualiza-se o fenômeno investigado, delimitando o problema, os objetivos, a relevância do estudo, a constituição do *corpus* e a organização do trabalho.

1.1 Meu encontro com a docência: Trajetória Pessoal e acadêmica

O processo de descobrir quem se é costuma ser mais complexo do que se imagina. Em algum momento da vida, começam as buscas por referências, pessoas, histórias e possibilidades que ajudem a responder uma pergunta aparentemente simples: *quem quero ser quando crescer?* O problema é que crescer raramente esclarece todas as respostas. Na maioria das vezes, as perguntas crescem junto conosco. Entre tantas inquietações que atravessaram minha trajetória, uma permaneceu constante: *quando nos tornamos professores?*

Durante muito tempo, a figura do professor, sobretudo a da professora, pareceu-me cercada por expectativas quase impossíveis de alcançar. Espera-se que seja paciente, mas não paciente demais, afinal, também precisa manter o controle da sala de aula. Espera-se que seja acolhedora, mas sem permitir que os sentimentos interfiram em seu trabalho. Espera-se que seja criativa, mas sem ultrapassar os limites dos recursos disponíveis. Espera-se que esteja sempre disponível, inspiradora e, de preferência, incansável. A professora é frequentemente representada como uma mãe ou como uma máquina, capaz de ensinar, cuidar, escutar, resolver conflitos e responder, permanentemente, às necessidades dos outros. São tantos atributos, funções e expectativas que, por vezes, torna-se difícil compreender onde termina a profissão e onde começa a pessoa.

A inquietação que deu origem a esta pesquisa nasceu justamente deste incômodo. Mais do que compreender o trabalho docente, interessava-me compreender quem é o professor para

além das imagens socialmente construídas sobre ele e das representações que insistem em definir aquilo que deveria ser. Ao buscar as origens dessa pergunta, minhas lembranças retornam a um tempo muito anterior à universidade. Volto à menina que perguntava demais. Minha mãe certamente se lembraria dela com facilidade, caso, mais uma vez, lhe perguntassem. Eu perguntava sobre tudo. Perguntava por curiosidade, por insistência e, muitas vezes, apenas porque desejava compreender como as coisas funcionavam.

Na minha imaginação infantil, minha mãe era uma espécie de enciclopédia ambulante. Dessas enormes, completas e misteriosas, capazes de responder a qualquer pergunta que surgisse. Quando ela já não tinha mais respostas, entrava em cena um velho conhecido da estante de casa: o dicionário Aurélio. Cresci cercada pela ideia de que as respostas existiam em algum lugar; bastava procurá-las.

Foi essa busca constante que, sem que eu percebesse, aproximou-me da leitura, do conhecimento e, posteriormente, da própria docência. A leitura surgiu cedo em minha vida, quase como um prolongamento natural das perguntas que eu nunca deixava de fazer. Em casa, livros e materiais escolares nunca foram vistos apenas como objetos. Havia um certo encantamento em torno deles. Eu gostava do cheiro das páginas novas, das capas coloridas e da sensação de que cada livro escondia um universo inteiro esperando para ser descoberto, como acontecia em *Peter Pan* ou em *O Sítio do Picapau Amarelo*.

Quando ganhava bonecas, elas raramente permaneciam apenas bonecas. Rapidamente se transformavam em alunas nas brincadeiras de escolinha que eu organizava pelo chão da sala ou no terraço de casa. Eu assumia, com toda a seriedade que uma criança podia ter, o papel da professora “boazinha”, inspirada na senhorita *Honey*, personagem do filme *Matilda*, uma das referências mais marcantes da minha infância. No extremo oposto estava a diretora *Trunchbull*, cuja rigidez e autoritarismo sempre me causaram temor.

A realidade da escola, entretanto, nem sempre correspondia à delicadeza das minhas brincadeiras. Em alguns momentos, falar demais deixava de ser sinal de curiosidade para tornar-se inconveniência. Perguntar excessivamente parecia cansar os adultos. Questionar além do esperado podia ser interpretado como desafio, teimosia ou simples inconveniência. Durante muito tempo, não compreendi por que algumas perguntas pareciam incomodar tanto.

Anos mais tarde, ao ler *Quando a Escola é de Vidro*, de Ruth Rocha, encontrei uma metáfora que dialogava profundamente com essas lembranças. Na narrativa, as crianças são colocadas em vidros moldados pelos adultos e aprendem a viver dentro deles porque lhes dizem que sempre foi assim. Ao ler essa obra, passei a refletir sobre quantas vezes a curiosidade infantil também acaba aprisionada em “vidros” invisíveis. Quantas perguntas

deixam de ser feitas. Quantas respostas deixam de ser procuradas. E quantas formas de ser acabam sendo moldadas pelas expectativas dos outros.

Essa inquietação nunca deixou de me acompanhar. Cresceu quando escolhi cursar Pedagogia, fortaleceu-se durante a formação inicial e permaneceu presente nos estágios, nas observações escolares e nos encontros com professoras e professores reais, muito diferentes das imagens idealizadas que eu havia construído na infância. Foi nesse percurso que comecei a perceber o quanto a docência é atravessada por discursos, expectativas, cobranças e representações sociais que influenciam a maneira como compreendemos o ser professor.

Foi também nesse contexto que as redes sociais passaram a despertar meu interesse como objeto de reflexão. Em uma época em que rotinas, opiniões, alegrias e frustrações são compartilhadas em poucos segundos, observei que muitos professores recorriam ao humor para falar sobre o cotidiano escolar. Entre memes, vídeos curtos e *reels* humorísticos, encontrei representações da docência que provocavam riso, mas também reflexão. Percebi que, por trás das piadas, circulavam discursos sobre quem é o professor, o que faz e o que a sociedade espera dele. Foi dessa inquietação, construída na interface entre experiências pessoais, formação acadêmica e observação das práticas discursivas nas redes sociais, que nasceu esta pesquisa.

1.2 Contextualização da Pesquisa

Durante muito tempo, observar a vida das pessoas exigia proximidade. Era necessário encontrá-las nas ruas, nas filas do mercado, na escola, no trabalho ou nas longas conversas de fim de tarde nas calçadas. O cotidiano acontecia diante dos olhos. Atualmente, porém, vive-se um tempo em que experiências cotidianas são transformadas em conteúdo quase instantaneamente. O que antes permanecia restrito aos espaços privados circula com facilidade por meio de fotografias, vídeos de poucos segundos, comentários e compartilhamentos. Compartilhar rotinas, opiniões, conquistas e frustrações tornou-se uma prática recorrente da vida social contemporânea, em um contexto no qual diferentes experiências parecem disputar continuamente a atenção do público.

De acordo com Carrijo e Satler (2022), as práticas comunicacionais desenvolvidas na internet participam da constituição dos sujeitos na cultura contemporânea, uma vez que contribuem para a construção coletiva de referências, símbolos, valores e formas socialmente compartilhadas de ser e agir. Nessa perspectiva, as redes sociais passaram a ocupar um papel cada vez mais significativo na produção de sentidos sobre a realidade social.

Mais do que espaços de interação, essas plataformas constituem ambientes nos quais experiências cotidianas são narradas, compartilhadas e ressignificadas por diferentes sujeitos. Entre elas, o *Instagram* ocupa lugar de destaque. Lançado em 2010, inicialmente voltado ao compartilhamento de fotografias, o aplicativo passou por sucessivas transformações ao incorporar recursos como vídeos, *stories* e *reels*. Com isso, deixou de ser apenas uma plataforma de entretenimento para consolidar-se como um espaço de circulação de experiências, opiniões e narrativas do cotidiano, permitindo que diferentes sujeitos compartilhem aspectos de suas vidas pessoais e profissionais.

Compreender o *Instagram* apenas como uma rede destinada ao entretenimento, entretanto, significa reduzir sua potência cultural. Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, diferentes artefatos da cultura, como a televisão, o cinema, a literatura e, mais recentemente, as redes sociais, também participam de processos educativos ao produzirem significados, valores e formas de compreender o mundo (Maknamara, 2012). Nesse sentido, o *Instagram* pode ser compreendido como um espaço de circulação de discursos, no qual identidades são produzidas e representações sobre sujeitos, profissões e práticas sociais são continuamente construídas, compartilhadas e ressignificadas. A docência, inserida nesse contexto, também passa a ser objeto dessas narrativas digitais, tornando-se tema recorrente de vídeos humorísticos que, ao mesmo tempo em que divertem, produzem e colocam em circulação diferentes sentidos sobre o "ser professora" e sobre o trabalho docente na contemporaneidade.

Entre as diversas formas de conteúdo que circulam nas redes sociais, os memes e os vídeos de humor sempre despertaram meu interesse enquanto sujeito inserido nesse contexto digital. Gosto da sátira como uma estratégia de elaboração das experiências que compõem o cotidiano. O humor nos faz rir das situações mais banais, das dificuldades, dos constrangimentos e até das vivências mais frustrantes. Em muitos casos, o humor emerge justamente do reconhecimento, isto é, da percepção de que aquilo que acreditávamos experimentar de forma individual também integra a experiência de outras pessoas. Sob essa perspectiva, os conteúdos humorísticos não apenas entretêm, mas também produzem identificação, fortalecem o sentimento de pertencimento e constroem formas compartilhadas de interpretar a realidade.

Essa lógica de ressignificação do cotidiano por meio do humor também se manifesta em diferentes grupos profissionais, que transformam suas experiências de trabalho em narrativas compartilhadas nas plataformas digitais. Entre eles, destaca-se a categoria docente, cuja rotina parece oferecer um repertório inesgotável para a produção de conteúdos humorísticos. Entre atividades para corrigir, planejamentos a concluir e demandas que surgem

de forma imprevista, muitos professores passaram a converter o cotidiano escolar em objeto de criação. Nos *reels* humorísticos, situações recorrentes da profissão são reelaboradas por meio da sátira, da ironia e do exagero, produzindo espaços de reconhecimento e identificação entre aqueles que vivenciam, ou já vivenciaram, a realidade da docência.

1.3 Problema de Pesquisa

A questão-problema que orienta esta pesquisa é a seguinte: *Como os* reels *humorísticos publicados no Instagram, constroem representações do "ser professora" e que sentidos essas representações produzem acerca do fazer pedagógico, da atuação docente e dos saberes profissionais?*

Compreender essas representações torna-se relevante porque os discursos que circulam nas redes sociais ultrapassam o espaço digital e passam a integrar os processos de construção simbólica da realidade social. No caso da docência, os *reels* humorísticos constituem práticas discursivas que não apenas retratam situações recorrentes do cotidiano escolar, mas também produzem e difundem representações sobre a identidade docente, o fazer pedagógico, a atuação profissional e os saberes que legitimam a profissão. Ao mobilizarem humor, ironia e reconhecimento, esses enunciados podem tanto reforçar estereótipos historicamente associados ao magistério quanto tensionar concepções cristalizadas, evidenciando as complexidades, os desafios e as contradições que permeiam o trabalho docente na contemporaneidade.

É nesse contexto que esta pesquisa se insere. Mais do que analisar conteúdos humorísticos como formas de entretenimento, interessa compreender os sentidos que eles produzem acerca da docência e os modos pelos quais contribuem para a construção, a circulação e a negociação de representações da identidade docente no ambiente digital. Essas inquietações, construídas na interface entre minha experiência como professora e a observação das práticas discursivas nas redes sociais, fundamentam os objetivos da pesquisa, apresentados a seguir.

1.4 Objetivos da Pesquisa

1.4.1 Objetivo geral

Compreender como *reels* humorísticos publicados no *Instagram*, constroem representações sobre "ser professora" e como produzem sentidos acerca do fazer pedagógico, da atuação docente e dos saberes profissionais na contemporaneidade.

1.4.2 Objetivos específicos

1 Identificar os recursos discursivos, humorísticos, performáticos e multimodais mobilizados pelos humoristas na construção de representações do "ser professora" nos *reels* publicados no *Instagram*.
2 Analisar os sentidos produzidos por essas representações acerca do fazer pedagógico, da atuação docente e dos saberes profissionais, considerando os estereótipos, as expectativas sociais e as tensões que atravessam a docência exercida por mulheres.

1.5 Justificativa

As redes sociais digitais consolidaram-se como importantes espaços de produção, circulação e negociação de discursos sobre sujeitos, práticas sociais e profissões. Entre essas plataformas, o *Instagram* destaca-se pela ampla difusão de conteúdos audiovisuais de curta duração, especialmente os *reels*, nos quais diferentes criadores de conteúdo mobilizam humor, performance e recursos multimodais para representar experiências cotidianas. Mais do que formas de entretenimento, esses enunciados participam da construção de imaginários sociais, produzindo e disseminando representações sobre diferentes grupos e atividades profissionais.

No caso da docência, observa-se um fenômeno recorrente nas redes sociais. Embora os *reels* analisados nesta pesquisa sejam protagonizados por humoristas amplamente conhecidos no *Instagram*, as performances construídas por esses criadores de conteúdo representam, predominantemente, a figura da professora. Essa recorrência não é fortuita. Historicamente, a docência, sobretudo na Educação Básica, constituiu-se como uma profissão fortemente feminizada, circunstância que contribui para que o imaginário social associe o exercício da docência, quase sempre, à figura da mulher. Nesse sentido, os vídeos humorísticos não apenas retratam situações do cotidiano escolar, mas também constroem representações do "ser professora", mobilizando estereótipos, expectativas e formas de compreender o fazer pedagógico, a atuação docente e os saberes profissionais.

A escolha desse recorte também encontra respaldo na configuração atual da profissão docente no Brasil. De acordo com o Censo Escolar de 2026, as mulheres representam 78,8%

do corpo docente da Educação Básica. Em contrapartida, sua participação diminui à medida que se avança na carreira acadêmica, correspondendo a 47,6% do corpo docente do Ensino Superior e a 43% na Pós-graduação. Esses dados evidenciam que, embora as mulheres constituam a ampla maioria entre os professores da Educação Básica, sua presença torna-se menos expressiva nos níveis mais elevados da carreira acadêmica. Tal cenário reforça a pertinência de investigar como a identidade profissional das professoras é discursivamente construída em espaços de ampla circulação, como as redes sociais digitais.

A relevância desta pesquisa reside, portanto, em compreender como os *reels* humorísticos publicados no *Instagram* constroem representações do "ser professora" e produzem sentidos acerca do fazer pedagógico, da atuação docente e dos saberes profissionais. Ao transformar experiências escolares em performances humorísticas, esses enunciados não apenas refletem percepções socialmente compartilhadas, mas também participam da produção e da circulação de discursos que podem reafirmar, tensionar ou ressignificar modos de compreender a docência. Assim, investigar essas representações significa reconhecer que os conteúdos humorísticos ultrapassam a dimensão do entretenimento e constituem práticas discursivas que influenciam a construção dos imaginários sociais sobre a profissão docente.

Sob essa perspectiva, a pesquisa contribui para o campo dos estudos da linguagem e da educação ao analisar um objeto ainda pouco explorado na literatura acadêmica: os *reels* humorísticos do *Instagram* como espaço de construção discursiva das representações do "ser professora". Ao articular linguagem, humor, performance, identidade e docência, o estudo amplia a compreensão acerca dos processos pelos quais as redes sociais participam da produção de sentidos sobre uma profissão cuja importância social contrasta, muitas vezes, com processos históricos de estereotipação, feminização e desvalorização.

1.6 Aspectos Metodológicos

1.6.1 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, desenvolvida em uma perspectiva interpretativista. A escolha dessa abordagem decorre da natureza do objeto investigado. Esta pesquisa não pretende quantificar ocorrências, mas compreender como *reels* humorísticos publicados no *Instagram* constroem representações do "ser professora" e produzem sentidos acerca do fazer pedagógico, da atuação docente e dos saberes profissionais. Pois, segundo Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa busca não apenas

compreender o sentido dos fenômenos em seu contexto, mas também interpretar os significados que os sujeitos atribuem às suas experiências e práticas sociais.

Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em estudos sobre linguagem, humor, identidade docente e culturas digitais. Nosso aporte teórico fundamenta-se em Nóvoa (2009), Freire (1996), Rosas (2024), Possenti (2018), dentre outros.

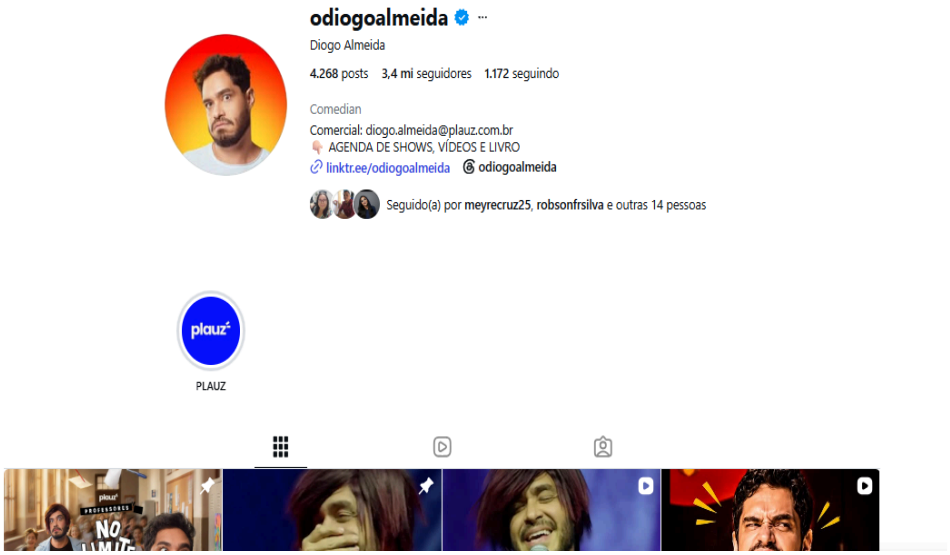
A interpretação do *corpus* considera cada *reel* como um enunciado concreto, analisado a partir de suas condições de produção, circulação e responsividade nas redes sociais. Também são consideradas as diferentes materialidades que constituem os reels, como linguagem verbal, imagens, gestos, expressões faciais, recursos sonoros e estratégias de edição, buscando compreender como esses elementos se articulam na produção de sentidos sobre o "ser professora". os discursos produzidos nas redes sociais.

1.6.2 Constituição do *corpus*

O *corpus* da pesquisa é constituído por três *reels* humorísticos publicados no *Instagram* entre os anos de 2025 e 2026. Os vídeos foram produzidos por três criadores de conteúdo distintos: Diogo Almeida (@odiogoalmeida), Roberto Maur (@robertomaur.oficial), criador da personagem Tia Lousa, e Sônia Kaminski (@soniakaminski_sks).

O primeiro perfil selecionado é o do humorista Diogo Almeida (@odiogoalmeida), um dos principais criadores de conteúdo voltado ao universo educacional nas redes sociais brasileiras. 24 de Março de 2026. Com mais de 3,5 milhões de seguidores no *Instagram*, seus vídeos alcançam ampla circulação entre professores, estudantes e demais sujeitos vinculados ao contexto escolar, consolidando-o como uma das principais referências na produção de humor sobre a docência no ambiente digital. Vejamos:

Figura 1. Perfil do *Instagram* de Diogo Almeida



Fonte: *Instagram* @odiogoalmeida. Acesso em: 1 jul. 2026.

A recorrência da temática educacional em sua produção está relacionada à sua trajetória profissional. Antes de dedicar-se integralmente ao humor, Diogo Almeida atuou como professor e coordenador pedagógico, experiência que constitui a principal fonte de inspiração para seus vídeos e espetáculos de *stand-up comedy*. Em entrevistas divulgadas em redes sociais, o humorista afirma que seus roteiros também são construídos a partir de relatos enviados por professores de diferentes regiões do país, ampliando o repertório de situações representadas em seus conteúdos.

Em seus *reels*, Diogo Almeida interpreta diferentes personagens do cotidiano escolar, conferindo destaque à figura da professora, geralmente representada como protagonista das situações humorísticas. As narrativas abordam temas recorrentes da profissão, como a relação com estudantes e famílias, as demandas burocráticas da escola, a sobrecarga de trabalho, os processos de ensino e aprendizagem e os desafios da gestão da sala de aula. Para isso, mobiliza recursos característicos do humor, como a ironia, a caricatura, o exagero e a dramatização, construindo performances que dialogam com experiências amplamente reconhecidas pelos profissionais da educação.

A escolha desse perfil para compor o *corpus* justifica-se, portanto, não apenas por seu expressivo alcance nas redes sociais, mas sobretudo pela regularidade com que produz conteúdos humorísticos sobre a escola e pela centralidade conferida à figura da professora em suas performances. Esses aspectos tornam seus *reels* particularmente relevantes para a

presente pesquisa, uma vez que constituem enunciados nos quais se constroem e circulam representações do "ser professora", produzindo sentidos sobre o fazer pedagógico, a atuação docente e os saberes profissionais.

O segundo perfil que compõe o *corpus* desta pesquisa é o de Roberto Maur (@robertomaur.oficial), humorista e criador da personagem Tia Lousa, figura que se tornou recorrente em seus conteúdos sobre o cotidiano escolar no *Instagram*. Foi publicado em 26 de Março de 2026.

A personagem Tia Lousa ocupa posição central na produção do humorista. Interpretada pelo próprio Maur, ela representa uma professora da Educação Básica e é construída a partir de performances que mobilizam recursos como exagero, ironia, caricatura e dramatização. Os *reels* apresentam situações recorrentes da rotina escolar, como a relação com as famílias, os desafios da gestão da sala de aula, as demandas burocráticas da profissão, o cuidado com os estudantes e as responsabilidades atribuídas à professora para além do ensino. Ao transformar essas experiências em humor, a personagem aproxima-se de vivências amplamente reconhecidas por docentes e demais sujeitos que participam do cotidiano escolar.

Figura 2. Perfil do *Instagram* de Roberto Maur



Fonte: *Instagram* @robertomaur.oficial. Acesso em: 1 jul. 2026.

A escolha desse perfil fundamenta-se na recorrência com que suas produções tematizam a escola e, sobretudo, na centralidade conferida à figura da professora.

Diferentemente de outros criadores que abordam o universo educacional de forma episódica, Roberto Maur organiza grande parte de sua produção em torno de uma personagem fixa, cuja identidade está diretamente vinculada ao exercício da docência. Esse aspecto favorece a observação de regularidades discursivas na construção do "ser professora", permitindo analisar como determinadas representações são reiteradas, atualizadas e compartilhadas em diferentes *reels*.

Além disso, embora Roberto Maur não atue profissionalmente como professor, suas produções evidenciam que as representações da docência não são construídas exclusivamente por docentes. Ao apropriar-se de discursos amplamente reconhecidos sobre a profissão e transformá-los em performances humorísticas, o criador participa da circulação de sentidos acerca da escola e da docência nas redes sociais. Esse movimento torna seu perfil particularmente relevante para esta pesquisa, uma vez que possibilita compreender como humoristas digitais contribuem para a construção e a difusão de representações do "ser professora"no ambiente digital.

O terceiro perfil que integra o *corpus* é o da professora Sônia Kaminski (@soniakaminski_sks), foi publicado em 16 de maio de 2026. Professora, socióloga, palestrante e mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Sônia utiliza o *Instagram* para compartilhar conteúdos relacionados ao cotidiano docente, articulando reflexões, experiências profissionais e produções humorísticas. Diferentemente dos demais criadores selecionados, sua produção parte da própria experiência como professora, e não da interpretação de personagens fictícios. Vejamos:

Figura 3. Perfil do *Instagram* de Sônia Kaminski



Fonte: *Instagram* soniakaminski_sks. Acesso em: 1 jul. 2026.

Embora possua um alcance menor na plataforma em comparação aos demais perfis analisados, um de seus *reels* alcançou ampla circulação entre usuários do *Instagram*, tornando-se relevante para os objetivos desta pesquisa. O vídeo selecionado tematiza o cotidiano escolar por meio do humor e mobiliza referências amplamente conhecidas no campo da educação, estabelecendo um diálogo entre a formação acadêmica e os desafios concretos da prática docente.

A inclusão desse perfil amplia a diversidade do *corpus* ao incorporar uma perspectiva enunciativa distinta das demais. Enquanto Diogo Almeida e Roberto Maur constroem representações do "ser professora"por meio de performances humorísticas e da interpretação de personagens, Sônia Kaminski produz seu conteúdo a partir da própria posição social de professora. Essa diferença permite observar como representações do "ser professora" são construídas tanto por humoristas que encenam a docência quanto por uma profissional da educação que transforma sua experiência em objeto de produção humorística.

Assim, a escolha desse perfil fundamenta-se menos em seu número de seguidores e mais na pertinência discursiva do *reel* selecionado, que, ao tematizar a docência por meio do humor, contribui para a construção e a circulação de representações do "ser professora", em consonância com os objetivos desta pesquisa.

Destacamos que a seleção do *corpus* foi orientada pelos seguintes critérios:

- os *reels* deveriam abordar o contexto escolar e a docência;
- as narrativas deveriam representar o *"ser professora",* independentemente de seus produtores serem ou não docentes;
- os vídeos deveriam apresentar ampla circulação e engajamento na plataforma, evidenciando sua relevância na produção e difusão de discursos sobre a profissão docente;
- o conjunto do *corpus* deveria contemplar diferentes modos de construção humorística das representações da professora.

A escolha desses perfis fundamenta-se na recorrência com que produzem conteúdos relacionados ao universo educacional e, sobretudo, na centralidade conferida à figura da professora em suas performances humorísticas. Embora apenas uma das produtoras de conteúdo seja docente, todos os *reels* selecionados constroem representações do "ser professora" por meio da sátira, da ironia, da caricatura e do exagero, mobilizando discursos que dialogam com experiências amplamente reconhecidas no cotidiano escolar.

As análises consideram cada *reel* como um enunciado concreto (Bakhtin 2011) constituído por diferentes materialidades semióticas. Para além da linguagem verbal, serão analisados elementos como imagens, gestos, expressões faciais, recursos sonoros e estratégias de edição, compreendendo que esses recursos, articulados entre si, participam da produção de sentidos sobre a docência. Dessa forma, cada *reel* será interpretado em sua dimensão multimodal, considerando que o humor se constrói pela interação entre diferentes linguagens que constituem o enunciado e produzem representações sobre a identidade docente.

1.6.3 Uso de ferramentas de inteligência artificial

Durante a elaboração deste trabalho, foi utilizada a ferramenta de inteligência artificial generativa *ChatGPT* como recurso de apoio à revisão textual, gramatical e ortográfica, bem como ao aprimoramento da clareza e da organização de alguns trechos. O uso da ferramenta esteve restrito a essa finalidade, não sendo utilizada para a definição do objeto ou do problema de pesquisa, seleção do corpus, construção das análises ou elaboração das conclusões.

As sugestões fornecidas pela ferramenta foram avaliadas pela autora, que realizou a revisão final e efetuou as alterações consideradas pertinentes, mantendo a responsabilidade pelas escolhas teórico-metodológicas, pelos argumentos, pelas interpretações e pelas análises desenvolvidas ao longo da pesquisa. Dessa forma, o uso da ferramenta constitui apenas um

recurso auxiliar no processo de revisão e redação do trabalho, permanecendo a autoria e a responsabilidade pelo conteúdo integralmente com a autora.

1.7 Organização do TCC

Esta pesquisa está organizada em quatro capítulos, seguidos pelas considerações finais e referências. O Capítulo 1, intitulado Introdução, apresenta os caminhos iniciais da investigação. A seção inicia-se com o item 1.1 Meu encontro com a docência: trajetória pessoal e acadêmica, no qual é relatada a trajetória da pesquisadora e sua aproximação com o objeto de estudo. Em seguida, o item 1.2 Contextualização da pesquisa insere o tema na cultura digital e nos Estudos Culturais. Na sequência, são apresentados os itens 1.3 Problema de pesquisa, 1.4 Objetivos da pesquisa (subdividido em 1.4.1 Objetivo geral e 1.4.2 Objetivos específicos) e 1.5 Justificativa. Por fim, a seção 1.6 Aspectos metodológicos detalha os procedimentos adotados, subdividindo-se em 1.6.1 Natureza da pesquisa, 1.6.2 Constituição do *corpus* e 1.6.3 Uso de ferramentas de inteligência artificial, encerrando-se com este item 1.7 Organização do TCC.

O Capítulo 2, intitulado Identidade docente, formação, trabalho e representações da docência no *Instagram*, estabelece os aportes teóricos da pesquisa e organiza-se nas seções 2.1 Identidade docente: perspectivas teóricas e construções sociais, 2.2 Feminização do magistério e trabalho de cuidado, 2.3 Formação docente e saberes da profissão e 2.4 O trabalho docente na contemporaneidade.

O Capítulo 3, intitulado Humor digital e representações da docência no *Instagram*, discute o papel das mídias e do riso como prática discursiva na cultura digital, apresentando a subseção 3.1 *Instagram*, *reels* e cultura digital.

O Capítulo 4, intitulado Representações do “ser professora” nos *reels* humorísticos: discursos, performances e produção de sentidos, dedica-se à análise do *corpus* selecionado. Esta seção está estruturada em três eixos analíticos: 4.1 A performance do “ser professora”: objetos, práticas e reconhecimento social (análise do *reel* de Diogo Almeida), 4.2 Identidade docente: ensinar ou cuidar? (análise do *reel* de Roberto Maur - Tia Lousa) e 4.3 Entre a formação acadêmica e os saberes experienciais: como a docência se resolve na sala de aula? (análise do *reel* de Sônia Kaminski). Ao término das análises, apresenta-se a subseção 4.4 Síntese das representações do “ser professora” nos *reels*.

Por fim, o trabalho apresenta as Considerações Finais, nas quais são sintetizados os principais achados da pesquisa, suas contribuições, limitações e sugestões para investigações futuras, seguidas das Referências utilizadas.

2. IDENTIDADE DOCENTE, FORMAÇÃO, TRABALHO E REPRESENTAÇÕES DA DOCÊNCIA NO *INSTRAGRAM*

Compreender as representações do "ser professora" presentes nos *reels* humorísticos publicados no *Instagram* exige, inicialmente, compreender o sujeito que produz, vivencia e atribui sentidos à docência. Antes de analisar os discursos que circulam nas redes sociais digitais, torna-se necessário discutir como a identidade docente é construída, quais saberes constituem a profissão, de que maneira a formação e a experiência se articulam no exercício do trabalho docente e como as transformações sociais, culturais e tecnológicas da contemporaneidade têm produzido novas configurações para o ser professor.

A docência não pode ser compreendida apenas como uma atividade técnica ou como a aplicação de conhecimentos previamente adquiridos. O professor é um sujeito histórico, constituído por experiências, relações, memórias e processos formativos que atravessam tanto sua dimensão pessoal quanto profissional. Como afirma Tardif (2014, p. 15),

> O saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua consciência prática.

Nesse sentido, os saberes docentes são produzidos ao longo de uma trajetória marcada por aprendizagens contínuas, experiências compartilhadas e ressignificações constantes da própria prática. Essa compreensão da docência como uma construção que envolve o sujeito em sua totalidade aproxima-se das reflexões de Nias (1991), retomadas por Nóvoa, ao destacar que a identidade profissional não pode ser separada da identidade pessoal. Para a autora, "o professor é a pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor" (Nias, 1991, *apud* Nóvoa, 2009, p. 13). Assim, pensar a formação docente implica reconhecer a necessidade de espaços de articulação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo que os professores atribuam sentido aos seus processos formativos a partir de suas próprias histórias de vida. Como destaca Nias (1991, *apud* Nóvoa, 2009, p. 13), "é tão importante reencontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida".

A partir dessa perspectiva, este capítulo discute, inicialmente, a identidade docente enquanto uma construção histórica, social e relacional, atravessada pelas experiências de

formação, pelos saberes profissionais e pelas representações produzidas sobre a profissão. Em seguida, aborda o processo de feminização do magistério e sua relação com as expectativas socialmente construídas sobre o trabalho das professoras, especialmente aquelas associadas ao cuidado, à afetividade e à maternagem. Posteriormente, problematiza a formação docente e os saberes que sustentam o fazer pedagógico, considerando a articulação entre conhecimentos acadêmicos, experiências profissionais e aprendizagens construídas no cotidiano escolar.

Na sequência, o capítulo analisa as condições do trabalho docente na contemporaneidade, marcado pela intensificação das demandas, pela ampliação das responsabilidades atribuídas aos professores e pela presença cada vez mais significativa das tecnologias digitais no cotidiano escolar e social. Essas transformações também modificam as formas pelas quais a docência é percebida e representada, ampliando os espaços de circulação de discursos sobre a profissão.

Por fim, discute-se o humor como prática discursiva e os *reels* do *Instagram* como artefatos da cultura digital, compreendendo-os como espaços nos quais representações sobre a docência são produzidas, compartilhadas e negociadas. Ao transformar situações do cotidiano escolar em narrativas humorísticas, esses conteúdos não apenas retratam experiências vividas pelos professores, mas também participam da construção de sentidos sobre o que significa "ser professora" na contemporaneidade. Dessa forma, as discussões apresentadas neste capítulo constituem o suporte teórico para compreender as representações docentes analisadas no capítulo seguinte.

2.1 Identidade docente: Perspectivas teóricas e construções sociais

Refletir sobre identidade docente constitui uma tarefa complexa e multifacetada, pois envolve dimensões sociais, culturais, históricas e humanas que ultrapassam a compreensão da docência como mero exercício profissional. A complexidade da identidade do professor tem início no próprio sujeito que ensina. Como afirma Freire (1996, p. 36), "movo-me como educador porque, primeiro, me movo como gente". Antes do professor existe uma pessoa. Um sujeito que aprende, sente, erra, transforma-se e, ao longo da vida, constrói diferentes formas de compreender a si mesmo, os outros e o mundo.

Essa construção tem início nas representações que o sujeito elabora sobre si e sobre aquilo que compreende como docência. Não se restringe às teorias estudadas durante a formação inicial ou aos conhecimentos sistematizados na universidade, mas diz respeito, sobretudo, à constituição de um sujeito que se forma nas experiências vividas, nas relações

estabelecidas e nas marcas produzidas pelo próprio exercício da profissão. O professor constitui-se como um sujeito permanentemente inacabado. Nunca se apresenta como uma identidade concluída, pois, conforme destaca Freire (1996), os seres humanos são inconclusos, conscientes de sua incompletude e, justamente por isso, capazes de aprender, ensinar e transformar-se continuamente. Aprende-se, inclusive, com os próprios estudantes, desde as situações mais complexas até aquelas aparentemente banais do cotidiano escolar. A docência também se produz nesse movimento permanente de transformação, no qual o professor ressignifica seu modo de ser e de estar na profissão, reconstruindo continuamente sua identidade profissional. Trata-se de um sujeito vivo, inserido em uma prática igualmente dinâmica, que exige constante movimento, reflexão e transformação.

Pensar a identidade docente significa, portanto, compreendê-la como um processo que não nasce acabado nem permanece estável ao longo da vida. Ela é atravessada pelas relações sociais, pelos espaços ocupados, pelas experiências acumuladas e pelas formas como o sujeito é reconhecido pelos outros e por si mesmo. Não corresponde a um ponto de chegada, mas a um processo permanente de construção e reconstrução. Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Saveli (2006), ao afirmar que o processo identitário se constitui nos movimentos realizados pelo professor para enfrentar e superar os desafios encontrados nos contextos profissional, social e familiar. Nessa perspectiva, a identidade docente não se forma apenas na universidade, mas também nas experiências produzidas no cotidiano da profissão e da própria vida.

É justamente nesse percurso que história, cultura, profissão e sociedade se entrelaçam, produzindo diferentes formas de compreender quem é o professor e quem socialmente se espera que ele seja. Nessa direção, Gebran e Trevizan (2017), afirmam que as estruturas sociais e culturais historicamente constituídas interferem diretamente no processo de construção da identidade dos sujeitos. Isso significa reconhecer que o professor também se constitui nas relações que estabelece com o outro e pelos discursos que circulam sobre a profissão, os quais produzem sentidos acerca do seu lugar social e de sua atuação.

Historicamente, a figura do professor ocupou posição de grande relevância social. Durante muito tempo, foi associada ao conhecimento, à moral e à formação das novas gerações, sendo reconhecida como responsável não apenas pela transmissão de conteúdos, mas também pela formação ética, cultural e cidadã dos estudantes. Mais do que um transmissor de conhecimentos, o professor consolidou-se como uma referência intelectual e humana para diferentes gerações. Entretanto, compreender a docência exclusivamente a partir

desse lugar historicamente atribuído ao professor significa reduzir a complexidade da profissão.

Como observa Nóvoa (2017), tornar-se professor corresponde a um processo contínuo de formação, no qual diferentes aprendizagens se articulam. Para o autor, esse percurso envolve uma dimensão cognitiva, relacionada ao aprender a pensar como professor; uma dimensão prática, vinculada ao aprender a agir profissionalmente; e uma dimensão moral, referente ao desenvolvimento de uma postura ética e responsável diante das situações que atravessam a profissão. A identidade docente, portanto, constitui-se na articulação entre conhecimentos teóricos, experiências profissionais, relações estabelecidas ao longo da trajetória e escolhas produzidas na prática cotidiana.

2.2 Feminização do magistério e trabalho de cuidado

Ao discutir a complexidade da identidade docente, torna-se inevitável considerar as relações de gênero que historicamente atravessam a profissão. Conforme discutido anteriormente, a identidade docente também é produzida pelas formas como a sociedade atribui sentidos ao exercício da docência. Nesse processo, destaca-se a imagem socialmente construída da professora que atua nos anos iniciais da Educação Básica. No imaginário social, a docência nos anos iniciais é frequentemente associada à figura feminina, enquanto a presença masculina aparece com menor frequência nessa representação. A imagem que frequentemente emerge é a de uma mulher delicada, paciente, acolhedora e cuidadora, cuja atuação costuma ser aproximada da maternidade. Essas características, entretanto, não devem ser compreendidas como atributos naturais do feminino, mas como sentidos socialmente construídos e atravessados pelas relações de gênero. Segundo Scott (2017), gênero pode ser compreendido como uma construção cultural, relacionada à criação social de ideias sobre os papéis considerados adequados a homens e mulheres.

A feminização do magistério é, igualmente, um processo histórico, social e cultural. Essas expectativas tornam-se ainda mais evidentes quando se pensa especificamente na figura da professora. Vianna (2001) aponta que as relações de gênero também influenciam as concepções construídas socialmente sobre o que significa ser homem, mulher, professor e professora. Dessa forma, determinadas características e atribuições passam a ser associadas ao masculino ou ao feminino, sendo tomadas como próprias de cada gênero. Entre essas atribuições, destaca-se o cuidado, frequentemente relacionado ao feminino e naturalizado como uma característica das mulheres. Essa associação contribui para aproximar profissões

ligadas ao cuidado, como a educação de crianças pequenas, da figura feminina (Vianna, 2001).

É justamente nesse contexto que emerge uma das principais tensões da profissão docente. A professora passa a viver entre aquilo que constitui sua função profissional e aquilo que historicamente lhe foi atribuído como mulher. Ensinar, muitas vezes, parece insuficiente. Espera-se que acolha, compreenda, cuide, escute, console e proteja. O exercício da docência passa a ser confundido com a maternagem, como se educar fosse apenas uma extensão do cuidar. Contudo, "ser professora" e ser mãe correspondem a experiências distintas. A maternidade pode fazer parte da trajetória de muitas docentes, mas não define a profissão. Enquanto à mãe cabe educar seus filhos para a vida, à professora compete mediar processos de aprendizagem, produzir conhecimento e contribuir para a formação humana de inúmeros sujeitos, sem que isso a transforme, necessariamente, em uma "segunda mãe".

Os clichês sociais evidenciam essa construção histórica. Ao pensar na figura da professora, dificilmente se imagina apenas uma profissão; imagina-se uma mulher. Essa associação está longe de ser natural. Segundo Beauvoir (1970) afirma que não somos mulheres, mas nos tornamos, indicando que a condição feminina é produzida socialmente. Ao retomar essa afirmação, Louro (2008) destaca que ser mulher não resulta de um ato inaugural, mas de um processo contínuo de construção. As mulheres constituem-se nos gestos, nas formas de agir, nas preferências, nos modos de falar, de cuidar e de ocupar determinados espaços sociais.

Se a condição feminina é resultado de uma construção histórica, cultural e social, seria possível formular questionamento semelhante em relação à docência. Aprende-se também a "ser professora"? Em que momento essa identidade começa a ser construída? Muito antes da universidade, meninas e mulheres convivem com expectativas relacionadas ao cuidado, à delicadeza, ao afeto e à maternagem, características que, posteriormente, passam a ser frequentemente associadas ao exercício da profissão docente. Também não se nasce professora. Tornar-se professora não decorre apenas da afetividade ou da disposição para cuidar, mas de um processo de formação profissional, construção identitária e apropriação de saberes específicos da docência.

Contudo, esse tornar-se professora apresenta uma particularidade histórica. Durante muito tempo, significou aprender não apenas os conhecimentos próprios da profissão, mas também corresponder às expectativas socialmente construídas sobre o feminino. Como evidencia Almeida (1996), a feminização do magistério aproximou a docência das funções tradicionalmente atribuídas às mulheres, transformando o ensinar em continuidade do cuidar,

do acolher e, frequentemente, da maternagem. Essa associação entre a professora e determinadas características do feminino não é recente. Partindo da historicidade, quando analisa o jornal *O Educador,* publicado na Paraíba no início da década de 1920, Oliveira Brunet (2022) mostra que, naquele período, a professora já era associada a características como maternidade, religiosidade, discrição e dedicação ao trabalho. Isso evidencia que as expectativas sobre como uma mulher deveria ser e se comportar também alcançavam a figura da professora, fazendo com que sua atuação profissional fosse relacionada a comportamentos considerados próprios do feminino.

Tornar-se professora nunca significou apenas aprender a ensinar, mas também aprender a ocupar um lugar cultural e social historicamente já construído. Desse modo, emerge uma questão fundamental para a discussão que se segue: em que momento, efetivamente, começa a formação de uma professora? Na universidade, durante os estágios ou muito antes desses espaços formais de formação? A reflexão sobre essas questões conduz, portanto, à discussão acerca da formação docente e dos saberes que se constroem ao longo da profissão, mas também evidencia que a identidade da professora é atravessada por representações sociais que antecedem e ultrapassam os espaços formais de formação. É nesse sentido que, posteriormente, interessa investigar como essas representações são atualizadas e ressignificadas nos discursos humorísticos que circulam nos *Reels* do *Instagram*.

2.3 Formação docente e saberes da profissão

Quando se ingressa na formação inicial, a teoria costuma constituir o primeiro contato sistematizado com a profissão docente. Antes dos estágios, da inserção cotidiana na escola e, muitas vezes, antes mesmo de o licenciando reconhecer-se como futuro professor, entram em cena a história da educação, as diferentes concepções pedagógicas e os fundamentos filosóficos, sociológicos e psicológicos que sustentam o campo educacional. Nesse percurso, compreende-se que educar ultrapassa a transmissão de conteúdos e envolve processos de mediação, formação humana e produção de conhecimentos. A teoria e a prática, portanto, não podem ser concebidas como dimensões dissociadas, mas como instâncias que se alimentam mutuamente ao longo da formação docente. Como observa Paz (2023), a formação de professores não deve limitar-se à oferta de modelos ou métodos de ensino, mas favorecer uma reflexão crítica sobre os conhecimentos que constituem a profissão, os modos de sua apropriação e os compromissos éticos e sociais implicados no ato de educar.

A compreensão da docência como processo formativo permanente conduz a uma questão recorrente nos estudos sobre formação de professores: em que momento alguém se torna, de fato, professor? A conclusão da licenciatura seria suficiente para constituir a identidade docente? Essas indagações evidenciam que o exercício da docência não se reduz à obtenção de um diploma ou ao domínio de conteúdos específicos. Tornar-se professor implica um percurso contínuo de aprendizagens, experiências, ressignificações e reconstruções identitárias que acompanha toda a trajetória profissional. Nessa perspectiva, Freire (1996) afirma que homens e mulheres são seres inacabados, conscientes de sua inconclusão e, exatamente por isso, permanentemente abertos ao aprender. O inacabamento humano constitui uma condição ontológica da existência e, consequentemente, também da docência. O professor forma-se enquanto ensina, aprende na relação com seus estudantes, revê suas práticas, reelabora seus conhecimentos e reinventa continuamente sua atuação profissional.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Nóvoa (2009; 2017), para quem a formação docente não se restringe aos espaços institucionais da universidade, mas prolonga-se na inserção profissional, na partilha entre pares e na reflexão crítica sobre a própria prática. O autor defende que aprender a ser professor significa construir uma identidade profissional sustentada pelo diálogo entre conhecimentos científicos, experiências vividas e culturas profissionais compartilhadas. A escola, nesse sentido, deixa de ser apenas o lugar de aplicação das teorias produzidas na universidade e passa a constituir um espaço privilegiado de produção de conhecimentos sobre a própria docência.

Nessa mesma direção, Rosas (2024) desloca a compreensão da formação docente da simples obtenção de uma qualificação acadêmica para a construção de um propósito profissional. Ao discutir o conceito de “nascer para a docência”, a autora argumenta que a identidade docente não se consolida apenas pela certificação ou pelo acúmulo de títulos, mas pela capacidade de atribuir sentido à prática educativa e reconhecer a educação como possibilidade de transformação humana. Sob essa perspectiva, a constituição do professor não corresponde a um acontecimento pontual nem se encerra na formação inicial; trata-se de um movimento permanente de ressignificação da prática, dos saberes e do compromisso ético com o ato de educar.

É nesse contexto que os saberes docentes assumem centralidade. Ao discutir a epistemologia da prática profissional, Tardif (2014) demonstra que o conhecimento do professor possui natureza plural e resulta da articulação entre diferentes fontes formativas. Os saberes da docência são constituídos pelos saberes da formação profissional, pelos saberes disciplinares, pelos saberes curriculares e pelos saberes experienciais. Longe de competirem

entre si, essas diferentes modalidades de conhecimento se complementam e conferem sustentação ao trabalho pedagógico. Os saberes da formação profissional decorrem das ciências da educação e das teorias pedagógicas; os saberes disciplinares correspondem aos conhecimentos específicos das áreas de ensino; os saberes curriculares organizam-se em torno das prescrições institucionais e dos programas escolares; e os saberes experienciais são produzidos no cotidiano da profissão, nas relações estabelecidas com estudantes, colegas, famílias e demais sujeitos que integram a comunidade escolar.

Entre esses diferentes conhecimentos, os saberes experienciais ocupam posição singular, uma vez que são construídos no exercício cotidiano da profissão e continuamente reelaborados à luz das situações concretas enfrentadas pelos docentes. Conforme argumenta Tardif (2014), trata-se de conhecimentos incorporados à prática, produzidos pela experiência e validados no próprio trabalho. Eles não substituem os conhecimentos científicos nem se sobrepõem à formação acadêmica; ao contrário, estabelecem com eles uma relação de complementaridade. A prática docente, portanto, não consiste na aplicação mecânica de teorias previamente aprendidas, mas em um processo permanente de interpretação, adaptação e reconstrução dos conhecimentos diante das demandas concretas da escola.

Compreender a formação docente nessa perspectiva significa reconhecer que a identidade profissional se constitui no diálogo entre diferentes saberes e experiências. A universidade desempenha papel fundamental ao oferecer fundamentos científicos, teóricos e éticos para o exercício da profissão; entretanto, é na articulação desses conhecimentos com a experiência vivida, com a reflexão sobre a prática e com as relações estabelecidas no cotidiano escolar que o professor constrói sua maneira própria de ensinar, interpretar a realidade educativa e produzir novos sentidos para a docência. Assim, formação e identidade revelam-se processos indissociáveis, continuamente reconstruídos ao longo da trajetória profissional.

2.4 O trabalho docente na contemporaneidade

As transformações sociais, culturais e tecnológicas das últimas décadas modificaram significativamente as condições de trabalho dos professores. A expansão das tecnologias digitais, a intensificação dos fluxos de informação, a ampliação das demandas institucionais e a crescente participação das famílias nos processos educativos produziram novas configurações para o exercício da docência. Ensinar continua sendo a finalidade central da

profissão; entretanto, essa atividade passou a coexistir com um conjunto cada vez mais amplo de responsabilidades que extrapolam a mediação pedagógica.

Oliveira (2021) observa que o trabalho docente contemporâneo se caracteriza pela intensificação das atividades desenvolvidas pelos professores. Além da organização das práticas de ensino, esses profissionais assumem funções relacionadas ao planejamento institucional, ao acompanhamento das famílias, à produção de registros e relatórios, ao uso permanente de tecnologias digitais, à participação em processos avaliativos e ao atendimento de diferentes demandas administrativas. Essas atribuições tornam o trabalho docente mais complexo e ampliam as exigências dirigidas aos professores, tanto no interior quanto fora da escola.

Essa ampliação das responsabilidades não significa que tais demandas sejam completamente novas. Muitas delas sempre estiveram presentes na profissão. O que se modifica, na contemporaneidade, é sua intensidade, sua frequência e, sobretudo, sua visibilidade. Aspectos que antes permaneciam restritos ao cotidiano escolar passaram a circular de forma mais ampla nos meios de comunicação e, especialmente, nas redes sociais. As múltiplas tarefas desenvolvidas pelos professores tornam-se públicas, produzindo novos discursos sobre o trabalho docente e contribuindo para a construção de diferentes representações acerca da profissão.

Segundo Apple e Junk (1990, p. 156, *apud* Nóvoa, 2009, p. 12),

> A intensificação leva os professores a seguir por atalhos, a economizar esforços, a realizar apenas o essencial para cumprir a tarefa que têm entre mãos, obriga os professores a apoiar-se cada vez mais nos especialistas [...] iniciando-se um processo de depreciação da experiência e das capacidades adquiridas ao longo dos anos.

Nesse cenário, a docência passa a ser marcada por uma tensão constante entre aquilo que constitui sua finalidade pedagógica e as inúmeras expectativas que lhe são socialmente atribuídas. Espera-se que o professor ensine, mas também que eduque para a cidadania, acompanhe o desenvolvimento emocional dos estudantes, estabeleça diálogo permanente com as famílias, incorpore novas tecnologias, produza resultados satisfatórios nas avaliações externas e responda às demandas que emergem diariamente no ambiente escolar. O trabalho docente deixa, assim, de ser compreendido apenas como atividade de ensino para assumir características cada vez mais amplas e multifacetadas.

Essa multiplicidade de funções produz impactos que ultrapassam a organização do trabalho e alcançam a própria constituição do sujeito docente. Como discutido anteriormente, a identidade profissional é construída na relação entre pessoa, profissão e sociedade.

Consequentemente, quanto maiores são as expectativas dirigidas ao professor, maiores também tendem a ser as tensões que atravessam sua atuação cotidiana. Surge, então, uma questão central para compreender a docência contemporânea: como sustentar uma prática pedagógica comprometida com a formação humana diante da intensificação das responsabilidades atribuídas ao professor?

Responder a essa questão implica reconhecer que o trabalho docente é profundamente marcado por sua dimensão relacional e, consequentemente, emocional. Conforme discutem Possebon, Possebon e Dantas (2020), as emoções constituem respostas humanas produzidas nas interações sociais e influenciam diretamente a forma como os sujeitos pensam, agem e estabelecem relações. No contexto escolar, ensinar significa lidar permanentemente com pessoas, conflitos, expectativas, afetos e imprevisibilidades. O trabalho docente mobiliza conhecimentos científicos e pedagógicos, mas também exige equilíbrio emocional, sensibilidade, escuta e capacidade de tomar decisões diante de situações que frequentemente escapam ao planejamento.

Alegria, entusiasmo, frustração, insegurança, cansaço, satisfação e esperança passam a integrar o cotidiano profissional, revelando que a docência não pode ser compreendida apenas como atividade técnica. O professor não atua exclusivamente com conteúdos curriculares; trabalha, sobretudo, com relações humanas. Desse modo, sua atuação envolve dimensões cognitivas, éticas, afetivas e sociais que se entrelaçam continuamente no exercício da profissão.

Embora essas experiências façam parte do cotidiano escolar, elas nem sempre encontram espaços institucionais para serem compartilhadas. Durante muito tempo, emoções como sobrecarga, esgotamento, insegurança ou frustração permaneceram restritas às conversas entre colegas ou ao ambiente privado dos professores. A expansão das redes sociais digitais modificou parcialmente esse cenário ao oferecer novos espaços para a circulação dessas experiências. Professores e criadores de conteúdo passaram a transformar situações vividas na escola em narrativas compartilhadas, permitindo que desafios antes individualizados fossem reconhecidos por uma coletividade que vivencia experiências semelhantes.

Nesse contexto, o humor assume uma função que ultrapassa o entretenimento. Ao transformar situações cotidianas em narrativas cômicas, possibilita que experiências frequentemente invisibilizadas sejam socializadas, reconhecidas e reinterpretadas coletivamente. O riso passa, assim, a constituir uma forma de expressão e compartilhamento

das tensões próprias da profissão, permitindo que dificuldades relacionadas ao trabalho docente sejam narradas de forma acessível e amplamente compartilhada.

É precisamente nesse cenário que se insere esta pesquisa. Se a identidade da professora é continuamente produzida nas relações sociais, nos discursos e nas práticas que atravessam a profissão, interessa compreender como essas representações passam a circular também nas redes sociais digitais. Os *reels* humorísticos publicados no *Instagram* constituem um espaço privilegiado para observar esse processo, pois transformam situações recorrentes da docência em discursos que simultaneamente produzem identificação, reforçam determinadas imagens da profissão e tensionam expectativas historicamente construídas sobre o "ser professora".

Essa compreensão conduz ao capítulo seguinte, dedicado à discussão do humor como prática discursiva e dos *reels* do *Instagram* como artefatos da cultura digital que participam da produção, da circulação e da negociação de representações acerca da docência.

3. HUMOR E REPRESENTAÇÕES DA DOCÊNCIA NO *INSTAGRAM*

O humor e a ironia constituem, historicamente, importantes recursos discursivos utilizados para satirizar a realidade e produzir críticas às estruturas sociais, políticas e culturais. Muito antes do surgimento das redes sociais, caricaturas, charges publicadas em jornais, tirinhas, programas humorísticos e diferentes manifestações culturais já recorriam ao riso como forma de comentar acontecimentos, denunciar contradições e questionar valores socialmente estabelecidos. Ao longo da história, o humor constituiu-se como uma importante forma de leitura da realidade, capaz de revelar tensões sociais por meio da comicidade. Na contemporaneidade, contudo, essas manifestações encontraram nas plataformas digitais um novo espaço de circulação. As redes sociais passaram a reunir, em poucos segundos, imagens, sons, textos, gestos e performances que transformam acontecimentos cotidianos em conteúdos amplamente compartilhados. Nesse cenário, o humor ocupa posição de destaque, tornando-se uma das linguagens mais recorrentes da cultura digital.

"Rir é o melhor remédio", diz o clichê. Entretanto, para além do entretenimento, o humor também comunica, interpreta e produz sentidos. Ao selecionar determinados acontecimentos para transformá-los em objeto de comicidade, ele evidencia conflitos, torna visíveis determinadas experiências e coloca em circulação formas específicas de compreender o mundo. O riso acompanha a história das relações humanas justamente porque nunca serviu apenas para divertir. Conforme discutem Sousa e Fernandes (2022), ele ocupa diferentes lugares na vida social e pode ser compreendido como uma prática discursiva. Em outras palavras, rir também significa produzir sentidos. Cada piada, ironia ou situação humorística mobiliza determinadas formas de interpretar a realidade, revelando valores, tensões, expectativas e experiências compartilhadas por um grupo social. Assim, aquilo que provoca o riso também torna visíveis frustrações, disputas e modos de significar o cotidiano.

No contexto da cultura digital, a circulação desses conteúdos humorísticos intensifica o alcance e o impacto dessas representações. Ao analisar o papel dessas linguagens nas plataformas digitais, Chagas e Santos (2026, p. 8) destacam que:

> Linguagens digitais como o meme, os *GIFs* animados e as figurinhas produzem uma experiência que se denomina colapso de contextos, isto é, elas produzem sobreposições de múltiplos públicos em uma mesma arena comunicativa.

No caso da docência no *Instagram*, esse colapso faz com que o cotidiano da sala de aula, os desabafos sobre a rotina e os dilemas da profissão ultrapassem os muros da escola e passem a ser consumidos e ressignificados por estudantes, pais e pela comunidade em geral.

Além da sobreposição de públicos, o uso do cômico no ambiente virtual tensiona a visão tradicional da própria profissão docente. Historicamente, a figura do professor costuma ser associada à solenidade e ao rigor, o que faz com que o humor muitas vezes seja encarado com desconfiança. Conforme apontam Chagas e Santos (2026, p. 8), "o emprego do gênero humorístico é legado a um patamar inferior [...], como se as instituições devessem priorizar uma linguagem tenaz e sisuda". Ao levarem o humor para o *Instagram*, professores e criadores de conteúdo desafiam essa lógica, mostrando que a comicidade pode ser uma forma legítima de expressar os desafios, a exaustão e as contradições da prática pedagógica.

Sob essa perspectiva, o humor deixa de ser compreendido apenas como um recurso expressivo para assumir o estatuto de prática discursiva. Vale (2013) entende o discurso humorístico como uma prática organizada pela linguagem, capaz de produzir efeitos de sentido e mobilizar diferentes interpretações sobre a realidade. Esses sentidos não são universais nem permanentes; ao contrário, constituem-se historicamente e dependem das condições sociais e culturais em que circulam. Compreender o discurso humorístico exige, portanto, considerar as condições de produção dos enunciados, os sujeitos envolvidos, os conhecimentos compartilhados e os efeitos de sentido produzidos em cada situação comunicativa.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Possenti (2018), para quem o humor constitui uma prática discursiva cuja produção de sentidos depende do compartilhamento de conhecimentos, valores e memórias sociais entre os interlocutores. O efeito cômico não reside exclusivamente no texto, mas nas relações que ele estabelece com discursos já conhecidos pelo público, mobilizando estereótipos, expectativas, implícitos e rupturas de sentido. Nessa perspectiva, o humor não apenas provoca o riso, mas também evidencia representações socialmente estabilizadas, permitindo que determinados grupos reconheçam experiências comuns e interpretem criticamente aspectos da realidade. Assim, compreender o funcionamento do discurso humorístico implica analisar os saberes que ele pressupõe, as vozes sociais que mobiliza e os efeitos de sentido produzidos em cada contexto de circulação.

É nesse contexto que os *reels* do *Instagram* assumem relevância para esta pesquisa. Ao transformar experiências cotidianas da docência em conteúdos humorísticos, esses vídeos não apenas provocam o riso, mas também produzem discursos sobre o trabalho docente, seus desafios, seus saberes e as expectativas socialmente construídas em torno da profissão. Compreender como esses sentidos são produzidos e compartilhados constitui o foco da próxima seção, dedicada às relações entre *Instagram*, cultura digital e circulação de discursos.

3.1 *Instagram*, *Reels* e cultura digital

Se o humor sempre encontrou diferentes formas de circulação ao longo da história, na contemporaneidade ele passa a ocupar um espaço privilegiado nas redes sociais digitais. Mais do que ambientes destinados à interação entre usuários, essas plataformas constituem espaços de produção, compartilhamento e circulação de discursos que influenciam a forma como diferentes sujeitos compreendem a realidade. Como observam Almada e Pereira (2022), o crescimento das pesquisas sobre mídias sociais e discurso acompanha a consolidação dessas plataformas como espaços centrais da vida social, evidenciando que a circulação de sentidos ocorre, cada vez mais, em ambientes digitais marcados pela plataformização[1] da comunicação.

Entre essas plataformas, o *Instagram* [2] destaca-se pela centralidade da imagem, do vídeo curto e pela rapidez com que os conteúdos são produzidos, consumidos, compartilhados e ressignificados pelos usuários. Nesse ambiente, experiências cotidianas transformam-se em narrativas digitais capazes de alcançar milhares ou até milhões de pessoas em poucos segundos. A lógica da plataforma favorece a exposição de experiências, a construção de identidades e a seleção de determinados recortes da realidade, uma vez que os conteúdos publicados correspondem às escolhas realizadas pelos próprios usuários acerca daquilo que desejam tornar visível. Dessa forma, o *Instagram* não apenas possibilita a comunicação entre indivíduos, mas participa ativamente da produção de sentidos e da circulação de discursos que influenciam modos de ver, interpretar e representar diferentes sujeitos e práticas sociais.

Com a implementação do recurso *reels*, o *Instagram* ampliou ainda mais as possibilidades de produção e circulação de conteúdos audiovisuais curtos, favorecendo a rápida disseminação de tendências, desafios, performances, humor e diferentes discursos

[1] O termo é amplamente utilizado na literatura contemporânea sobre mídias digitais e refere-se ao processo pelo qual as plataformas passam a organizar práticas sociais, formas de interação e modos de circulação da informação.

[2] O Instagram é uma rede social de compartilhamento de fotos e vídeos criada pelo americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, lançada em 6 de outubro de 2010. Em 2012, a plataforma foi adquirida pela então Facebook Inc. (atual Meta Platforms), ampliando significativamente seu alcance global. Inicialmente voltado ao compartilhamento de fotografias, o Instagram incorporou, ao longo dos anos, diferentes formatos de publicação, como *Stories* (2016), *Reels* (2020), transmissões ao vivo e canais de mensagens, consolidando-se como uma das principais plataformas de produção e circulação de conteúdos multimodais. Em setembro de 2025, a Meta informou que o Instagram alcançou aproximadamente 3 bilhões de usuários ativos mensais, tornando-se uma das maiores redes sociais do mundo e um espaço privilegiado para a produção, circulação e consumo de conteúdos audiovisuais, entre eles os vídeos curtos em formato *reel*, amplamente utilizados por influenciadores digitais, humoristas e produtores de conteúdo. Cf. https://www.demandsage.com/instagram-statistics/

sobre a vida cotidiana. Marcados pelo potencial de viralização e pela intensa circulação entre usuários, os *reels* consolidaram-se como um dos principais formatos de produção de conteúdo da plataforma. Situações rotineiras, experiências pessoais e acontecimentos do cotidiano passam a ser condensados em vídeos de poucos segundos, frequentemente organizados a partir de recursos humorísticos capazes de produzir identificação imediata com o público.

No contexto desta pesquisa, interessa particularmente compreender como esse formato tem sido utilizado para representar o cotidiano escolar. Ao transformar situações vividas por professores em pequenas narrativas humorísticas, os *reels* produzem representações sobre o trabalho docente, os desafios da profissão, as relações estabelecidas no ambiente escolar e as expectativas socialmente construídas em torno da figura da professora. Assim, deixam de funcionar apenas como entretenimento para constituírem espaços de produção e circulação de discursos sobre a docência.

3.2 A multimodalidade do *reel*

Os reels vêm se consolidando como um gênero discursivo digital caracterizado pela integração de diferentes modos de significação. Embora sua configuração seja condicionada pelas funcionalidades da plataforma, sua organização discursiva ultrapassa a simples sucessão de imagens em movimento, reunindo linguagem verbal, oralidade, imagens, gestualidade, enquadramentos, legendas, trilhas sonoras, efeitos sonoros e recursos de edição em uma única unidade enunciativa. No *Instagram*, esse formato favorece a produção de narrativas breves voltadas ao engajamento dos usuários, mobilizando estratégias como humor, tendências da plataforma, cortes rápidos e interpelações diretas ao público. Nessa configuração, os sentidos são produzidos pela relação entre diferentes recursos expressivos, e não por um único sistema de linguagem.

Essa característica aproxima os *reels* das discussões desenvolvidas pelos estudos da multimodalidade. Para Kress e van Leeuwen (2021), a comunicação contemporânea realiza-se pela combinação de diferentes modos semióticos, cada qual dotado de potencial expressivo próprio. Imagens, tipografia, cores, sons, movimentos, organização espacial e linguagem verbal participam conjuntamente da produção dos sentidos, cuja construção depende das relações estabelecidas entre esses recursos no interior do texto. Sob essa perspectiva, a análise de um enunciado multimodal requer considerar a forma como essas diferentes materialidades se articulam para produzir efeitos de sentido.

Em textos audiovisuais, essa articulação manifesta-se nas escolhas relacionadas ao enquadramento da câmera, aos movimentos corporais, à direção do olhar, às expressões faciais, à organização visual da cena, ao ritmo da edição e aos recursos sonoros. Tais elementos não desempenham função ilustrativa, mas integram a materialidade do enunciado e orientam a interpretação do interlocutor, contribuindo para a construção discursiva tanto quanto a linguagem verbal.

Essa compreensão dialoga com a noção de multissemiose proposta por Rojo e Barbosa (2015), segundo a qual os textos da cultura digital são constituídos pela interação entre diferentes sistemas semióticos. Para as autoras, a leitura e a produção de textos contemporâneos exigem competências capazes de articular linguagens verbais, visuais, sonoras, gráficas e audiovisuais, uma vez que os sentidos emergem da integração dessas diferentes formas de representação. A multissemiose, portanto, constitui uma das características estruturantes dos gêneros discursivos que circulam nas plataformas digitais.

No contexto desta pesquisa, essa discussão assume papel central porque os *reels* analisados constroem representações sobre o "ser professora" por meio da convergência entre linguagem verbal, performance, expressões faciais, figurino, enquadramentos, sonoplastia, legendas e edição. A comicidade resulta precisamente da articulação entre esses recursos, que organizam o enunciado audiovisual e orientam a produção dos efeitos de humor. Consequentemente, a análise dos *reels* demanda compreender a identidade docente como uma construção discursiva produzida por uma arquitetura multissemiótica, na qual diferentes modos de significação atuam de forma integrada na circulação de discursos sobre a docência na cultura digital.

4. REPRESENTAÇÕES DO “SER PROFESSORA” NOS *REELS* HUMORÍSTICOS: DISCURSOS, PERFORMANCES E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Este capítulo apresenta a análise dos três *reels* que constituem o *corpus* desta pesquisa, publicados no *Instagram* por humoristas que produzem conteúdos sobre o universo escolar e, em especial, sobre a figura da professora. Embora distintos em suas narrativas e estratégias humorísticas, os vídeos convergem ao colocar em circulação representações do “ser professora”, produzindo sentidos acerca do fazer pedagógico, da atuação docente e dos saberes que constituem a profissão.

A análise compreende os *reels* como enunciados multimodais produzidos em condições específicas de circulação e marcados pelas relações entre linguagem, humor e cultura digital. Para fins de organização, o capítulo estrutura-se em três eixos analíticos, construídos a partir das regularidades observadas no *corpus*. O primeiro discute as performances e os marcadores sociais que identificam a professora; o segundo problematiza as expectativas de cuidado e responsabilização atribuídas à docência; e o terceiro analisa as tensões entre formação acadêmica e saberes experienciais mobilizados na prática pedagógica. Ao final, apresenta-se uma síntese das representações construídas pelos três *reels*, evidenciando permanências, deslocamentos e tensões na produção contemporânea de sentidos sobre o “ser professora”.

4.1 A performance do “ser professora”: Objetos, práticas e reconhecimento social

O *reel* publicado pelo humorista Diogo Almeida (@odiogoalmeida), cuja construção enunciativa se organiza em torno da pergunta recorrente: **“Será que sou professora?”,** foi publicado em 26 de março de 2026 e obteve 676,6 mil curtidas, 21,8 mil compartilhamentos e 30,6 mil *reposts*.

O humorista apropria-se da *trend* associada ao meme *“Será?”,* amplamente difundido nas redes sociais brasileiras, para construir a narrativa do *reel*. O meme teve origem em um vídeo do comunicador cearense João Inácio Júnior, que, ao responder de forma bem-humorada a boatos sobre sua sexualidade, repetia insistentemente a pergunta “Será?”, encerrando a fala com um bordão que rapidamente foi incorporado à cultura digital e passou a ser reutilizado em diferentes contextos comunicativos. Ao recontextualizar esse enunciado, Diogo Almeida realiza um processo de remixagem, prática recorrente nas plataformas

digitais, em que conteúdos amplamente reconhecidos são ressignificados para produzir novos efeitos de sentido. Vejamos:

Figura 4. Será que sou professora?



Fonte: *Instagram* @odiogoalmeida (2026)

Figura 5. *Reel* ´Será que sou professora?"



Fonte: *Instagram* @odiogoalmeida (2026)

Quadro 1 - Transcrição do áudio do vídeo:

Será que sou professora?

Será que sou professora? Será?
Só porque eu uso legging? Será?
Só porque eu carrego mais bolsas do que eu posso carregar? Será?
Só porque eu faço tudo com E.V.A.? Será?
Dizem que sou professora porque não posso ver uma caixa que já uso na escola. Será?
Dizem que sou professora porque compro coisa do meu próprio bolso pros alunos. Será?
Dizem que sou professora e sou muito estressada. Será? Ô, ó! Desce daí! Ô, desalmado, desce agora!
Sim, sou professora. Como é que descobriu?

Fonte: *Instagram* @odiogoalmeida (2026)

No *reel* analisado, o humor é construído pela articulação entre linguagem verbal, performance, imagem, gestualidade, enquadramentos, legendas, edição e prosódia, configurando um enunciado essencialmente multimodal. Longe de se restringir ao texto verbal, a comicidade emerge da convergência desses diferentes modos semióticos, que atuam conjuntamente na produção de sentidos sobre o "ser professora". O vídeo apropria-se de uma estrutura recorrente nos memes das redes sociais — baseada na repetição de perguntas seguidas da confirmação irônica no desfecho — e a desloca para o universo da docência. A cada enunciação de "Será?", o humorista apresenta um comportamento, um objeto ou uma prática cotidiana que, no imaginário social, passou a funcionar como um marcador identitário da profissão: usar legging, carregar inúmeras bolsas, confeccionar materiais em E.V.A., reaproveitar caixas para atividades pedagógicas, adquirir recursos didáticos com recursos próprios e demonstrar constante estado de estresse. A repetição dessa estrutura produz um efeito cumulativo que conduz o espectador à resposta final — "Sim, sou professora. Como é que descobriu?" — cuja comicidade não decorre da surpresa, mas do reconhecimento de um repertório discursivo amplamente compartilhado.

Sob uma perspectiva semiótica, cada um desses elementos deixa de representar apenas objetos ou ações cotidianas para assumir um valor simbólico. Usar *legging*, transportar várias bolsas ou comprar materiais para os alunos não constitui, literalmente, um critério de pertencimento à profissão docente; entretanto, no interior de uma memória discursiva construída histórica e socialmente, esses elementos passam a operar como signos que remetem imediatamente ao universo escolar. O humor nasce justamente da tensão entre o sentido literal dessas ações e o sentido socialmente produzido que elas evocam. Ao simular estranhamento diante de características aparentemente banais — "Só porque eu uso legging?"; "Só porque compro coisa do meu próprio bolso?" — o personagem ironiza a naturalização desses marcadores identitários, levando o público a reconhecer que tais atributos passaram a integrar o imaginário coletivo sobre a docência.

Essa construção evidencia o caráter dialógico do enunciado. Conforme Bakhtin (2011), nenhum discurso é produzido de forma isolada; todo enunciado responde a discursos anteriores e antecipa novas respostas. No *reel*, as características mobilizadas pelo humorista não são invenções individuais, mas recuperam discursos já cristalizados acerca da profissão docente, especialmente daquela exercida por mulheres. O reconhecimento imediato do público depende precisamente dessa memória discursiva compartilhada, sem a qual o efeito humorístico perderia força. O vídeo dialoga, assim, com experiências amplamente difundidas

na cultura escolar e frequentemente reiteradas nas redes sociais, transformando-as em matéria-prima para a produção do humor.

Nessa perspectiva, os recursos humorísticos também operam como mecanismos de produção de representações sociais. Ao dialogarem com Foucault, Sousa e Fernandes (2020) argumentam que os discursos produzem modos específicos de compreender os sujeitos e suas práticas. Sob esse enfoque, os elementos mobilizados pelo *reel* — as bolsas, o E.V.A., as caixas reutilizadas, o investimento financeiro pessoal e o estresse — deixam de funcionar apenas como recursos cômicos para constituírem enunciados que produzem uma determinada representação do "ser professora"". A identidade docente passa a ser construída menos a partir de atributos institucionais, como formação acadêmica, conhecimentos específicos ou atuação pedagógica, e mais por práticas cotidianas que circulam socialmente como evidências da profissão. Em nenhum momento o personagem menciona sua formação, sua área de conhecimento ou seu trabalho de ensinar; o reconhecimento da professora ocorre por meio de objetos, hábitos e comportamentos que, reiteradamente, passaram a simbolizar a docência.

Esse deslocamento produz sentidos relevantes acerca do fazer pedagógico e dos saberes profissionais. Ao privilegiar práticas como improvisar materiais, reutilizar recursos, administrar múltiplas tarefas e investir financeiramente na própria atividade, o reel evidencia que o exercício da docência é socialmente reconhecido muito mais pela experiência cotidiana do que pelos conhecimentos especializados que sustentam a profissão. Tal representação aproxima-se da compreensão de Nóvoa (2009), para quem a profissão docente se constitui na articulação entre formação e experiência. No entanto, o humor evidencia uma assimetria significativa: embora a docência seja sustentada por conhecimentos científicos e pedagógicos, o reconhecimento social da professora parece concentrar-se nos saberes experienciais construídos diante da escassez de recursos, da improvisação permanente e da capacidade de responder às demandas imprevisíveis da escola.

Entre os enunciados apresentados, destaca-se a afirmação "Compro coisa do meu próprio bolso pros alunos". Embora enunciada em tom humorístico, essa fala remete a uma realidade amplamente documentada nos estudos sobre trabalho docente: a responsabilização individual da professora pelas condições materiais necessárias ao desenvolvimento das atividades pedagógicas. O riso, nesse caso, não neutraliza a crítica; ao contrário, revela o grau de naturalização de uma prática que deveria constituir responsabilidade institucional. O mesmo ocorre com a recorrente associação da professora ao estresse, apresentada como consequência quase inevitável do exercício profissional. Ao transformar essas situações em

motivo de humor, o reel evidencia as tensões que atravessam a docência contemporânea e explicita expectativas sociais que extrapolam as atribuições formais da profissão.

Essa sobrecarga torna-se ainda mais evidente quando a sequência de perguntas é interrompida pela exclamação "Ô, desalmado, desce daí!". Diferentemente dos enunciados anteriores, essa fala não descreve uma característica da profissão, mas encena uma situação típica da sala de aula. A mudança repentina de interlocutor, de entonação e de postura corporal desloca momentaneamente a narrativa para o espaço escolar, fazendo com que o espectador não apenas ouça a professora falar sobre sua profissão, mas a veja atuando como professora. O humor decorre exatamente dessa ruptura narrativa, que substitui a enumeração de estereótipos pela dramatização de uma cena reconhecível do cotidiano escolar. Nesse momento, a performance passa a desempenhar papel central na construção dos sentidos, pois a identidade docente deixa de ser representada apenas por objetos e passa a ser corporificada em modos específicos de agir, falar e interagir.

É justamente nessa dimensão performática que os recursos multimodais assumem maior relevância. Durante todo o reel, o humorista mobiliza gestos exagerados, expressões faciais caricatas, mudanças de voz, movimentos corporais e uma sequência de enquadramentos que aproximam o espectador da encenação. Os planos[3] médios (da cintura para cima) e americanos (enquadra dos joelhos para cima) enfatizam tanto os objetos carregados quanto a expressividade do personagem, enquanto a repetição da caracterização visual — vestimentas, bolsas, mochila e materiais escolares — produz continuidade narrativa entre as diferentes cenas. Os gestos de apontar para si, erguer objetos diante da câmera ou demonstrar surpresa funcionam como signos icônicos que intensificam a ironia construída verbalmente. Assim, a comicidade não reside apenas no que é dito, mas na maneira como o corpo performatiza cada afirmação, aproximando o reel da linguagem teatral característica da produção humorística nas plataformas digitais.

As legendas desempenham igualmente papel fundamental na organização dos sentidos. Inseridas em caixa alta, centralizadas e sincronizadas com cada cena, elas apresentam destaque visual e deixam de exercer apenas função de acessibilidade para integrarem a própria construção humorística. A fragmentação das frases acompanha os cortes rápidos da edição, favorecendo a leitura dinâmica característica dos reels. Cada plano apresenta uma única informação, enquanto a repetição da estrutura "Só porque..." seguida de

[3] Tipos de enquadramentos da câmera. Cf. https://www.adobe.com/br/creativecloud/video/production/cinematography/camera-shots-and-angles.html

"Será?" estabelece um paralelismo sintático que cria ritmo, expectativa e previsibilidade. A sucessão dessas unidades discursivas produz um efeito de acumulação que prepara o espectador para o *punchline (*frase de efeito) final, quando a negação reiterada se transforma em confirmação irônica. O humor resulta, portanto, da articulação entre repetição verbal, progressão narrativa e temporalidade acelerada da edição audiovisual.

Sob a perspectiva da semiótica social (Kress; Van Leeuwen, 2021), observa-se que os diferentes modos semióticos distribuem funções complementares na produção dos sentidos. Enquanto o modo verbal organiza a progressão argumentativa e ativa a memória discursiva sobre a profissão, o modo visual materializa cada estereótipo por meio dos objetos, vestimentas e cenários; a gestualidade e a performance intensificam a expressividade humorística; a prosódia, a entonação e o ritmo da edição orientam a interpretação do espectador; e a composição gráfica das legendas organiza o percurso de leitura. Não se trata, portanto, de uma relação redundante entre texto e imagem. Ao afirmar "Só porque eu carrego mais bolsas do que eu posso carregar?", por exemplo, a hipérbole verbal encontra correspondência visual na quantidade exagerada de bolsas transportadas pelo personagem; da mesma forma, a referência às caixas reutilizadas ganha força porque a imagem materializa exatamente esse comportamento. Os diferentes modos não repetem a mesma informação, mas complementam-se na construção da comicidade e na estabilização dos sentidos.

Nesse contexto, o humor depende da ativação de conhecimentos socioculturais compartilhados. O espectador somente reconhece a comicidade porque compartilha experiências e discursos que associam a professora à criatividade diante da escassez de recursos, ao investimento financeiro pessoal, ao acúmulo de materiais, à sobrecarga emocional e à multiplicidade de funções desempenhadas no cotidiano escolar. Como observam Serrano-Hernández e Bernad-Mechó (2026), nos *reels* os diferentes recursos semióticos articulam-se para potencializar os significados e favorecer o reconhecimento imediato pelo público. É precisamente essa articulação entre linguagem verbal, performance, imagem, gestualidade e edição que transforma o reel em um enunciado humorístico altamente reconhecível, cuja eficácia depende da interação dinâmica entre seus diversos modos de significação.

Em síntese, a representação do “ser professora” construída pelo reel ultrapassa o entretenimento e participa da produção e circulação de discursos sobre a docência contemporânea. Ao mobilizar estereótipos reconhecíveis, performances corporais, objetos emblemáticos e recursos multimodais, o vídeo constrói uma identidade docente marcada pela experiência, pela improvisação, pela sobrecarga de trabalho e pela ampliação constante das

responsabilidades atribuídas às mulheres professoras. O humor, nesse contexto, não apenas provoca o riso, mas atua como uma forma de significar e naturalizar determinadas expectativas sociais acerca da profissão, ao mesmo tempo em que torna visíveis as tensões que atravessam o fazer pedagógico, a atuação docente e os saberes profissionais. Dessa forma, o *reel* evidencia que as representações da docência feminina nas redes sociais são produzidas pela articulação entre discursos historicamente sedimentados e recursos multimodais que potencializam sua circulação, reconhecimento e permanência no imaginário social.

4.2 Identidade Docente: Ensinar ou cuidar?

O *reel* em análise foi publicado pelo humorista Roberto Maur, no dia 24 de março de 2026, com mais de 8 mil visualizações e compartilhamentos, por meio da personagem **Tia Lousa**, cuja narrativa se inicia com a leitura de um bilhete encaminhado pela mãe de uma estudante. No texto, a responsável informa que a filha chegou à escola com uma picada de mosquito e solicita à professora que resolva o problema. A situação, construída a partir de um acontecimento aparentemente banal, organiza um enunciado humorístico que desloca a discussão para um tema recorrente no cotidiano escolar, relacionado aos limites da atuação docente e às expectativas socialmente atribuídas à profissão.

Figura 6. Tia Lousa: Enquanto isso na sala de aula…



Link: https://www.*Instagram*.com/reel/DWRUeT6kUMF/?igsh=MWN4eTFjOHhidjZlMQ==

Fonte: *Instagram* @robertomaur.oficial (2026).

Figura 7. Reel `Enquanto isso na sala de aula…"



Fonte: *Instagram* @robertomaur.oficial (2026).

Quadro 2 - Transcrição do áudio do vídeo:

Mãe da aluna: Tia Lousa, a Alexandrina chegou com uma picada de mosquito. Resolva isso, por favor. *Tia Lousa: Mas é muita petulância, espera aí...* *Tia Lousa (escrevendo): Mãezinha, coloque a Alexandrina num saco de plástico. Assim, ela não será picada. Atenciosamente, a professora que está aqui para dar aula e não para vigiar mosquito.* *Tia Lousa: Vigiar mosquito já é demais! Minha Nossa Senhora do Magistério, oh profissão difícil, não?*

Fonte: *Instagram* @robertomaur.oficial (2026).

À primeira vista, a narrativa parece tratar de um episódio isolado. Entretanto, o humor não se concentra na picada de mosquito, mas na atribuição de responsabilidade dirigida à professora por um fato que extrapola completamente sua esfera de atuação. A comicidade emerge da incongruência entre o pedido formulado pela família e as atribuições inerentes ao trabalho docente. Ao exagerar essa expectativa, o *reel* evidencia um discurso amplamente difundido na cultura escolar segundo o qual a professora deve responder por qualquer situação que envolva o estudante durante sua permanência na escola, independentemente de sua natureza.

Essa representação evidencia um deslocamento significativo da identidade profissional da professora. O ensinar deixa de constituir o núcleo exclusivo da docência e passa a coexistir com um conjunto crescente de funções relacionadas ao cuidado, à proteção, à mediação de conflitos, ao acompanhamento das famílias e à resolução de problemas cotidianos. O *reel* transforma essa ampliação de responsabilidades em matéria humorística, mas, ao fazê-lo, coloca em circulação uma representação que encontra respaldo em experiências

compartilhadas por inúmeros professores da Educação Básica, especialmente a educação infantil.

Sob a perspectiva dialógica, o enunciado não produz um sentido isolado. A leitura do bilhete mobiliza vozes sociais que circulam historicamente na relação entre escola e família. Conforme Bakhtin (2016), todo enunciado responde a outros enunciados e se constitui na interação entre diferentes posições sociais. O pedido da mãe não representa apenas uma solicitação individual. Ele recupera um discurso mais amplo, segundo o qual a escola deve assumir responsabilidades cada vez mais abrangentes na formação e no cuidado das crianças. A professora, inserida nesse processo, torna-se a principal destinatária dessas expectativas.

Essa construção também dialoga com Nóvoa (2009), especialmente quando o autor afirma que a identidade profissional é produzida nas relações estabelecidas ao longo do exercício da docência. A profissão não se constitui exclusivamente por conhecimentos científicos ou competências técnicas, mas pelas interações permanentes entre professores, estudantes, famílias, gestores e demais sujeitos que integram a comunidade escolar. Nesse contexto, a identidade docente é continuamente negociada e redefinida por discursos que ampliam ou restringem aquilo que socialmente se espera da professora.

A primeira fala do vídeo sintetiza esse processo. Ao afirmar que *"Alexandrina chegou com uma picada de mosquito. Resolva isso, por favor",* a mãe atribui à professora uma responsabilidade incompatível com sua atuação profissional. O verbo *resolver* merece atenção porque desloca para a docente a obrigação de encontrar respostas para uma situação cuja origem independe de sua ação. O enunciado não solicita um cuidado imediato nem comunica um fato ocorrido. Ele pressupõe que compete à professora eliminar o problema e impedir sua recorrência. A escolha lexical evidencia um movimento discursivo de ampliação das responsabilidades docentes, transformando a professora em responsável permanente pelo bem-estar integral da criança.

Essa lógica de responsabilização extrapola a situação específica apresentada no vídeo e dialoga com transformações mais amplas ocorridas na instituição escolar. Ao longo das últimas décadas, diferentes demandas sociais passaram a ser incorporadas ao cotidiano da escola, deslocando para seus profissionais funções relacionadas à saúde, à alimentação, à proteção social, à educação emocional e à mediação de conflitos familiares. Embora muitas dessas atribuições sejam fundamentais para o desenvolvimento dos estudantes, sua incorporação ao trabalho docente frequentemente ocorre sem que haja uma redefinição institucional das condições de trabalho ou dos limites da profissão. O *reel* recupera esse

cenário e o condensa em um episódio aparentemente trivial, permitindo que o humor revele tensões presentes no cotidiano escolar.

A resposta elaborada por Tia Lousa intensifica esse movimento por meio da hipérbole. Ao sugerir que a estudante seja colocada *"em um saco de plástico"* para evitar futuras picadas, a personagem constrói uma solução deliberadamente absurda. O exagero desloca a narrativa para o campo do impossível e, justamente por isso, evidencia a desproporção existente entre o pedido da família e aquilo que efetivamente pode ser realizado pela professora. O humor deixa de ser apenas um recurso de entretenimento para assumir uma função crítica, evidenciando que determinadas expectativas dirigidas à docência alcançam níveis igualmente desproporcionais.

Na sequência, a personagem afirma que está na escola *"para dar aula e não para vigiar mosquito"*. Essa oposição organiza um dos principais sentidos produzidos pelo *reel*. De um lado, encontra-se o trabalho pedagógico, associado ao ensino, à aprendizagem e à produção do conhecimento. De outro, aparecem funções que extrapolam esse campo e que passam a integrar, progressivamente, o cotidiano da profissão. A expressão *vigiar mosquito* assume, assim, um valor metafórico. O mosquito deixa de representar apenas o inseto e passa a condensar todas as demandas externas que se acumulam sobre a professora e que pouco se relacionam com sua atividade pedagógica propriamente dita.

Essa representação revela uma característica recorrente dos discursos que circulam sobre a docência feminina. Historicamente, o magistério foi associado a atributos como cuidado, dedicação, afeto, paciência e disponibilidade permanente, características socialmente atribuídas às mulheres e incorporadas à profissão como se constituíssem competências naturais da professora. Essa feminização da docência contribuiu para ampliar as expectativas dirigidas ao trabalho docente, fazendo com que funções relacionadas ao cuidado fossem gradativamente naturalizadas como parte do exercício profissional. O *reel* recupera essa memória discursiva e a reinscreve em uma situação humorística que permite ao público reconhecer práticas amplamente compartilhadas na cultura escolar.

A fala final da personagem reforça essa dimensão coletiva. Ao exclamar *"Minha Nossa Senhora do Magistério, ô profissão difícil, não?",* Tia Lousa rompe momentaneamente a ficção e estabelece uma relação direta com os interlocutores. O enunciado assume a forma de uma confidência dirigida ao público, convidando-o a validar a experiência representada. Nesse momento, a produção do humor depende menos da situação narrada do que do reconhecimento de que acontecimentos semelhantes integram a rotina de inúmeras professoras. A identificação produzida pelo vídeo evidencia a circulação prévia desses

discursos e confirma que o efeito humorístico se apoia em experiências socialmente compartilhadas.

Esse efeito de reconhecimento é potencializado pela construção multimodal da personagem "Tia Lousa", cuja caracterização visual mobiliza estereótipos imediatamente associados ao imaginário da professora da Educação Básica. Os óculos de armação grande, o blazer de tecido sóbrio, a blusa em tom alaranjado, os acessórios chamativos, a flor verde presa aos cabelos longos e o enquadramento frontal compõem uma identidade visual facilmente reconhecível nas redes sociais. Não se trata de uma reprodução fiel da aparência de uma professora específica, mas da elaboração performática de um tipo social que sintetiza atributos frequentemente associados ao magistério feminino. Essa caracterização permite que o público identifique instantaneamente o lugar social ocupado pela personagem, antes mesmo do desenvolvimento da narrativa verbal.

A produção de sentidos também se apoia na expressividade corporal da atriz. Durante a leitura da mensagem enviada pela mãe, o olhar direcionado para baixo, como quem acompanha um bilhete, é sucedido por movimentos de reprovação, suspiros, olhos semicerrados e discretas inclinações da cabeça que antecipam sua discordância em relação ao pedido recebido. Na sequência, enquanto redige a resposta, os gestos das mãos simulam a escrita e conferem materialidade à interação entre professora e família, produzindo o efeito de que o público acompanha a elaboração da réplica em tempo real. Ao finalizar a leitura, a personagem ergue o olhar para a câmera, amplia os movimentos das mãos e altera a entonação da voz, aproximando-se do interlocutor como se compartilhasse uma confidência vivenciada por inúmeros docentes. As expressões faciais alternam incredulidade, ironia, indignação e exaustão, funcionando como índices afetivos que orientam a interpretação humorística do enunciado e tornam dispensável a explicitação verbal de muitos sentidos.

A própria organização visual do *reel* contribui para essa construção. A sequência de planos curtos, distribuídos em três momentos da performance, acompanha o deslocamento da personagem entre a leitura da demanda, a elaboração da resposta e o comentário dirigido ao público. A legenda inserida sobre a imagem, "Enquanto isso na sala de aula...", antecipa o enquadramento interpretativo da cena e apresenta o episódio como uma situação recorrente do cotidiano escolar, não como um acontecimento excepcional. O nome da personagem, "Tia Lousa", exibido em destaque na parte superior do vídeo, opera como uma marca identitária que remete imediatamente ao universo da docência e favorece o reconhecimento da persona construída pela criadora de conteúdo. Desse modo, texto escrito, imagem, performance, enquadramento, edição e oralidade não atuam de forma independente, mas constituem um

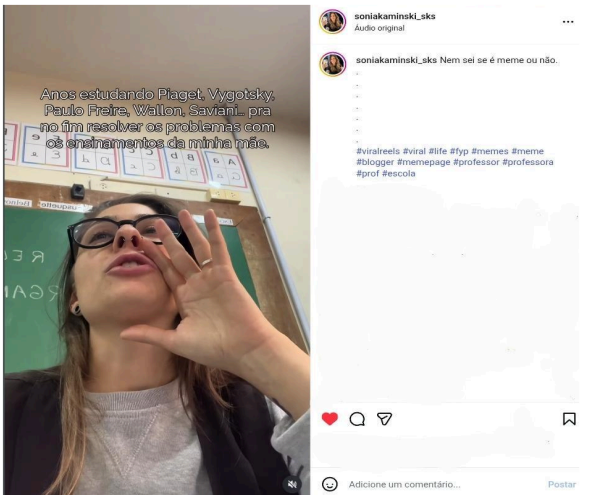
único enunciado multissemiótico, no qual cada recurso amplia e orienta a interpretação dos demais.

No vídeo analisado, o humor não reside exclusivamente na fala da personagem ou na hipérbole presente na resposta à mãe da estudante. Ele emerge da convergência entre o discurso verbal e a performance da professora, cuja corporalidade, figurino, expressões faciais, ritmo da edição e organização visual transformam uma situação cotidiana em um comentário crítico sobre a expansão das responsabilidades docentes. A multimodalidade, portanto, não apenas intensifica o efeito cômico, mas participa da construção da identidade profissional representada, fazendo da personagem uma síntese visual e discursiva das tensões que atravessam o exercício da docência na contemporaneidade.

4.3 Entre a formação acadêmica e os saberes experienciais: Como a docência se resolve na sala de aula?

O *reel* publicado pela professora Sônia Kaminski, foi publicado em 16 de maio. Alcançou 19 mil visualizações e compartilhamentos. A construção humorística se organiza a partir da relação entre dois modos de produção de saberes docentes. Logo nos primeiros segundos, o vídeo exibe o enunciado “Anos estudando Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Wallon, Saviani... pra no fim resolver os problemas com os ensinamentos da minha mãe”. Em seguida, a professora tenta controlar uma turma ruidosa utilizando chamados sucessivos que não produzem efeito imediato. Somente quando recorre a uma frase amplamente conhecida no ambiente familiar*, “A hora que eu pegar minhas coisas e sumir no mundo, ninguém mais vai me ver”*, a sala silencia instantaneamente. Vejamos:

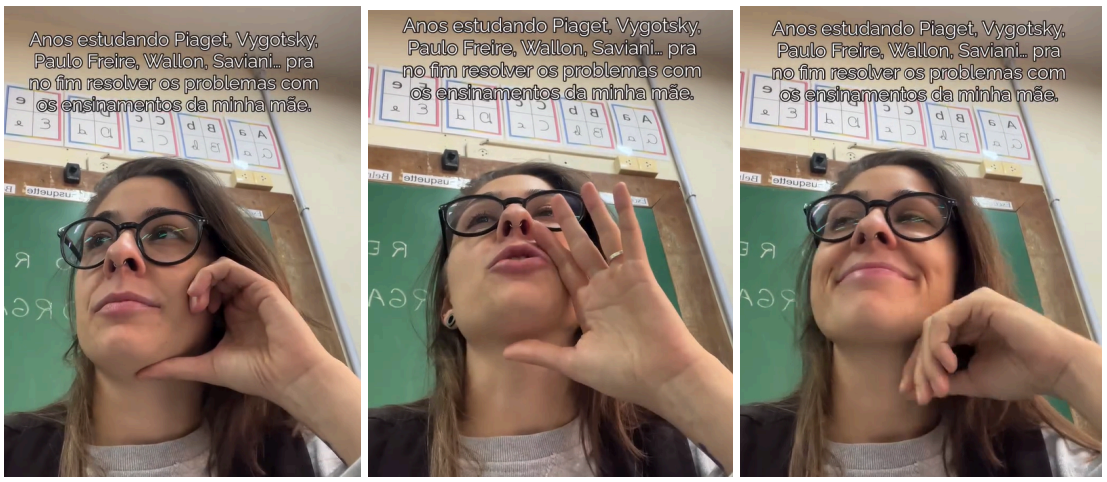
Figura 8. Professora



Link https://www.*Instagram*.com/reel/DJupUfjSGXB/?igsh=MzBoYjZ3dmo0cXpz

Fonte: *Instagram* @soniakaminski_sks (2026).

Figura 9. *Reel* 'Professora"



Fonte: *Instagram* @soniakaminski_sks (2026).

Quadro 3 - Transcrição do áudio do vídeo:

PROFESSORA
Texto na tela: Anos estudando Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Wallon, Saviani... pra no fim resolver os problemas com os ensinamentos da minha mãe.
Professora: Galera...
(Barulho alto de conversas e gritaria dos alunos no fundo)
Professora: Pessoal!
(O barulho diminui ligeiramente, mas continua alto)
Professora: A hora que eu pegar minhas coisas e sumir no mundo, ninguém mais vai me ver!
(Imediatamente a sala de aula fica em completo silêncio)

Fonte: *Instagram* @soniakaminski_sks (2026).

A comicidade resulta do contraste entre a expectativa criada pelo texto inicial e a estratégia empregada para reorganizar a turma, produzindo uma inversão entre o conhecimento científico adquirido na universidade e os saberes construídos na experiência cotidiana.

A estrutura do *reel* é organizada sobre uma oposição que não se limita ao campo do humor. De um lado, aparecem autores (Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Wallon, Saviani...) que ocupam lugar central na formação de professores e representam diferentes tradições do pensamento educacional. De outro, surge uma fala pertencente ao universo doméstico, transmitida entre gerações e frequentemente associada à educação familiar. A justaposição desses dois repertórios produz o efeito cômico, mas, sobretudo, coloca em circulação uma representação recorrente da docência segundo a qual a formação inicial não esgota os conhecimentos necessários para enfrentar as situações concretas da sala de aula. O vídeo não desqualifica a universidade nem questiona a relevância das teorias educacionais; sua crítica dirige-se à expectativa de que a complexidade do cotidiano escolar possa ser integralmente prevista pelos processos formais de formação.

Essa representação dialoga diretamente com as reflexões de Tardif (2014), para quem os saberes docentes constituem um conjunto heterogêneo de conhecimentos produzidos em diferentes espaços sociais. O exercício da docência mobiliza saberes disciplinares, curriculares, pedagógicos e, sobretudo, experienciais, construídos no contato permanente com os estudantes, com a cultura escolar e com as situações imprevisíveis que atravessam a prática profissional. O *reel* transforma essa articulação em humor ao sugerir que, diante de determinadas circunstâncias, a professora recorre menos ao repertório aprendido na universidade do que às estratégias incorporadas ao longo de sua trajetória de vida. A comicidade nasce exatamente porque o público reconhece essa experiência como parte da realidade escolar.

Sob a perspectiva de Nóvoa (2009), essa leitura torna-se ainda mais significativa. Ao defender que a formação docente se constrói dentro da profissão, o autor desloca o foco da aquisição de conhecimentos para os processos de socialização profissional desenvolvidos na escola. “ser professora” não corresponde apenas ao domínio de teorias pedagógicas, mas implica aprender a interpretar situações, tomar decisões, negociar conflitos e produzir respostas diante de problemas que não podem ser antecipados pelos currículos da formação inicial. A narrativa humorística sintetiza esse movimento ao evidenciar que o exercício da docência exige uma articulação permanente entre conhecimentos científicos e saberes produzidos na experiência.

Entretanto, a oposição construída pelo *reel* não deve ser interpretada como uma dicotomia entre teoria e prática. Os próprios autores mencionados no vídeo produziram reflexões profundamente vinculadas aos desafios concretos da educação. O efeito humorístico decorre menos da suposta inutilidade dessas teorias do que da impossibilidade de qualquer formação antecipar todas as situações vividas na escola. Ao reunir, em um mesmo enunciado, referências consagradas da pedagogia e uma estratégia oriunda da convivência familiar, o vídeo evidencia que a prática docente se constitui pela articulação de diferentes formas de conhecimento, e não pela substituição de umas pelas outras.

Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Freire (1996), especialmente quando o autor afirma que ensinar exige tomada de decisões, responsabilidade e exercício da autoridade pedagógica. Na cena analisada, a professora não obtém silêncio porque impõe uma relação autoritária com os estudantes, mas porque mobiliza uma estratégia discursiva capaz de reorganizar a dinâmica da turma. A autoridade docente manifesta-se na condução da situação educativa, e não no controle arbitrário dos alunos. Como afirma Freire (1996, p. 31), exercer a autoridade na sala de aula constitui parte do compromisso ético e profissional do professor, sendo condição para a realização do próprio processo educativo.

Além da discussão sobre os saberes docentes, o *reel* mobiliza representações relacionadas à feminização do magistério. A frase “os ensinamentos da minha mãe” não é um elemento neutro da narrativa. Ela reinscreve a docência em um imaginário historicamente associado ao universo feminino, aproximando a professora da figura materna e sugerindo que determinadas competências profissionais derivam de experiências domésticas e familiares. Trata-se de uma representação recorrente na história da educação brasileira, na qual o trabalho docente das mulheres foi frequentemente legitimado por atributos considerados naturais, como paciência, cuidado, sensibilidade e capacidade intuitiva para lidar com crianças. Ao recuperar esse repertório, o vídeo evidencia a permanência de discursos que aproximam maternidade e docência, mesmo quando a profissão se encontra consolidada como campo de formação especializada.

Essa aproximação merece atenção porque produz efeitos sobre a maneira como o trabalho docente é socialmente compreendido. Ao atribuir eficácia aos ensinamentos da mãe, o *reel* reforça a ideia de que parte significativa das competências da professora estaria vinculada a características adquiridas no âmbito familiar, e não exclusivamente à formação profissional. Embora o humor explore essa associação de maneira leve, ele também revela como determinados discursos continuam contribuindo para naturalizar competências que, na

realidade, são desenvolvidas ao longo da trajetória profissional e continuamente aperfeiçoadas pela experiência docente.

Outro aspecto relevante diz respeito à construção da performance. Diferentemente dos *reels* analisados anteriormente, neste vídeo a professora interpreta a si mesma. Não há caricatura nem personagem ficcional. A comicidade emerge da autorrepresentação, produzindo um efeito de autenticidade que favorece a identificação do público. A narrativa adquire força precisamente porque é enunciada por uma professora que compartilha experiências reconhecidas por outros docentes. Esse deslocamento altera a produção de sentidos do vídeo, pois a representação do "ser professora" deixa de ser construída exclusivamente pelo olhar externo do humorista e passa a constituir uma forma de autorenunciação da própria categoria profissional.

Desse modo, o *reel* produz uma representação da identidade docente marcada pela coexistência de diferentes formas de saber. O fazer pedagógico não aparece como aplicação automática de teorias nem como resultado exclusivo da experiência, mas como uma prática situada, construída no encontro entre formação acadêmica, vivências profissionais e conhecimentos produzidos ao longo da trajetória pessoal. Ao transformar essa articulação em humor, o vídeo evidencia uma das principais tensões da docência contemporânea. Espera-se que a professora domine fundamentos científicos da educação, mas também que responda, de maneira imediata e eficaz, às demandas imprevisíveis da vida escolar. Assim, a narrativa humorística não apenas provoca o riso, mas coloca em circulação uma representação do "ser professora" como profissional cuja identidade é continuamente produzida na articulação entre conhecimentos acadêmicos, saberes experienciais e práticas cotidianas.

Os elementos multissemióticos também desempenham papel central na produção dos sentidos. Diferentemente de performances humorísticas baseadas na construção de personagens ficcionais, o *reel* apresenta uma professora representando a si mesma, o que produz um forte efeito de autenticidade e aproxima o enunciado do relato de experiência. O ambiente escolar não é cenográfico, mas corresponde ao espaço *real* da sala de aula, identificado pela presença do quadro verde, dos cartazes com o alfabeto afixados na parede e pela disposição típica do mobiliário escolar. Esses elementos visuais funcionam como índices de realidade e reforçam a credibilidade da narrativa, favorecendo que o público reconheça a cena como parte do cotidiano docente. A escolha do enquadramento em primeiro plano, realizada a partir de um ângulo levemente inferior, aproxima o espectador da professora e reproduz a perspectiva de quem ocupa uma carteira escolar, inserindo-o simbolicamente no interior da sala de aula e fazendo-o compartilhar da experiência narrada.

A expressividade da professora constitui outro componente decisivo da construção multimodal. A sequência de imagens evidencia uma progressão performática cuidadosamente construída. Inicialmente, a docente apoia o rosto sobre a mão e dirige o olhar para o lado, produzindo uma expressão contemplativa que acompanha a leitura do texto apresentado na tela. Em seguida, ao dirigir-se aos estudantes, eleva a mão ao redor da boca para projetar a voz, amplia a abertura dos lábios e modifica sua postura corporal, sinalizando o esforço para ser ouvida em meio ao barulho da turma. Na imagem final, após o completo silêncio da sala, surge um discreto sorriso acompanhado de um olhar sereno, expressão que comunica satisfação e confirma, sem necessidade de explicitação verbal, o êxito da estratégia utilizada. A narrativa humorística, portanto, não é construída apenas pela fala, mas pela sucessão de expressões faciais que conduzem o espectador da expectativa inicial à resolução da situação, tornando visível o percurso emocional vivido pela professora.

Também merece destaque a articulação entre os recursos verbais e visuais. O texto sobreposto à imagem, "Anos estudando Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Wallon, Saviani... pra no fim resolver os problemas com os ensinamentos da minha mãe", permanece visível durante praticamente toda a cena, funcionando como uma chave interpretativa que antecede a fala da professora. Enquanto o enunciado verbal convoca o repertório da formação acadêmica, a imagem apresenta uma profissional inserida em seu contexto efetivo de trabalho, produzindo um contraste entre o universo teórico mencionado na escrita e a concretude das situações enfrentadas na sala de aula. Essa simultaneidade entre linguagem verbal e visual permite que o espectador compreenda, desde os primeiros segundos, a tensão que será desenvolvida ao longo do vídeo, potencializando o efeito humorístico antes mesmo do desfecho.

A dimensão sonora também participa dessa arquitetura multissemiótica. O ruído intenso das conversas ao fundo constitui um elemento narrativo indispensável, pois materializa a dificuldade de organização da turma e produz um ambiente de aparente descontrole. A diminuição gradual desse ruído após as primeiras tentativas de intervenção e o silêncio absoluto imediatamente posterior à frase "A hora que eu pegar minhas coisas e sumir no mundo, ninguém mais vai me ver" transformam o som em um recurso argumentativo, evidenciando que a eficácia da estratégia não precisa ser explicada, mas é demonstrada acusticamente ao espectador. O silêncio funciona, assim, como resposta discursiva dos estudantes e como confirmação da autoridade pedagógica da professora.

A identidade docente, portanto, não é produzida apenas pelo discurso verbal, mas por um conjunto de recursos semióticos que constroem uma representação da professora como

profissional capaz de articular formação científica, experiência prática e autoridade pedagógica na gestão das situações imprevisíveis do cotidiano escolar.

4.4. Síntese das representações do “Ser Professora” nos *Reels*

Considerados em conjunto, os três *reels* respondem aos objetivos desta pesquisa ao evidenciarem que a identidade da professora é construída por meio de performances discursivas que mobilizam práticas profissionais, expectativas sociais e saberes produzidos em diferentes espaços de formação. Os vídeos mostram que o “ser professora” não é representado apenas pelo domínio de conhecimentos pedagógicos, mas também pela capacidade de improvisar, administrar conflitos, responder às demandas da comunidade escolar e lidar com condições de trabalho marcadas pela multiplicidade de funções. A identidade docente emerge, assim, como uma construção relacional, continuamente produzida na interação entre a profissão, a experiência e os discursos que circulam socialmente sobre a docência.

As análises também revelam permanências importantes. Em todos os vídeos, a docência é representada a partir de atributos historicamente associados ao magistério feminino. A professora aparece como cuidadora, responsável por responder às mais diversas necessidades dos estudantes. Essas representações dialogam com o processo histórico de feminização da profissão, no qual o trabalho docente foi progressivamente aproximado de características tradicionalmente atribuídas às mulheres, como o cuidado, a dedicação e a maternagem. Mesmo quando os *reels* produzem críticas a essas expectativas, eles recorrem justamente a esse repertório compartilhado para construir o efeito humorístico, demonstrando a permanência desses imaginários na cultura contemporânea.

Ao lado dessas permanências, os vídeos também evidenciam tensões que atravessam a docência na atualidade. A professora representada pelos humoristas distancia-se da imagem idealizada da profissional que apenas ensina conteúdos escolares. Em seu lugar, emerge uma identidade marcada pela sobrecarga de trabalho, pela ampliação constante das responsabilidades, pela necessidade de produzir soluções imediatas para problemas imprevisíveis e pela mobilização de saberes que nem sempre encontram espaço nos processos formais de formação. A comicidade nasce exatamente desse descompasso entre aquilo que se espera da profissão e as condições concretas em que ela é exercida.

Sob essa perspectiva, o humor digital configura-se como um espaço privilegiado de produção e circulação de discursos sobre a docência. Os *reels* analisados funcionam

simultaneamente como práticas de entretenimento, formas de identificação coletiva e dispositivos de elaboração crítica do cotidiano escolar. Ao transformar experiências compartilhadas em narrativas humorísticas, permitem que professores reconheçam aspectos de sua própria prática e encontrem, no riso, uma forma de elaborar tensões vividas no exercício profissional. Entretanto, esse mesmo processo também contribui para a manutenção de determinadas representações cristalizadas sobre a profissão. A eficácia do humor depende justamente da existência de um repertório comum entre os interlocutores; por isso, ao mesmo tempo em que questionam determinadas expectativas dirigidas às professoras, os *reels* acabam reiterando imagens já consolidadas socialmente.

Essa ambivalência constitui um dos principais resultados desta pesquisa. O humor não atua apenas como mecanismo de crítica nem apenas como instrumento de reprodução de estereótipos. Ele ocupa um espaço de negociação de sentidos, no qual diferentes discursos disputam a definição do que significa "ser professora". Ao mesmo tempo em que evidencia a sobrecarga, a precarização e a ampliação das responsabilidades docentes, também reafirma marcas identitárias historicamente associadas à profissão, contribuindo para sua permanência no imaginário social.

Dessa forma, a análise permite responder à questão que orientou esta investigação. As representações do "ser professora" construídas nos *reels* humorísticos publicados no *Instagram* produzem sentidos sobre a docência ao associá-la a uma profissão marcada pela multiplicidade de funções, pela articulação entre conhecimentos acadêmicos e saberes experienciais, pela ampliação constante das responsabilidades e pela permanência de expectativas socialmente dirigidas às mulheres que exercem o magistério. Mais do que representar o cotidiano escolar, esses enunciados participam da construção discursiva da identidade docente, evidenciando que o humor, longe de constituir apenas uma forma de entretenimento, configura-se como um espaço privilegiado de produção, circulação e disputa de sentidos sobre o "ser professora" na contemporaneidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu de uma inquietação construída na interface entre a experiência docente e a observação cotidiana das redes sociais. Em um cenário em que o *Instagram* se consolida como um dos principais espaços de circulação de discursos, narrativas e performances, tornou-se pertinente investigar de que modo os *reels* humorísticos participam da construção de representações sobre o "ser professora". Mais do que compreender vídeos destinados ao entretenimento, interessou analisar como esses enunciados produzem sentidos acerca do fazer pedagógico, da atuação docente e dos saberes profissionais, contribuindo para a constituição de imagens socialmente compartilhadas da docência.

A questão que orientou esta investigação foi compreender como humoristas, por meio de *reels* humorísticos publicados no *Instagram*, constroem representações do "ser professora" e que sentidos essas representações produzem acerca do fazer pedagógico, da atuação docente e dos saberes profissionais. A análise do *corpus* permitiu concluir que esses conteúdos não operam apenas como relatos cômicos do cotidiano escolar. Eles constituem práticas discursivas que selecionam, organizam e fazem circular determinadas imagens da docência, produzindo formas específicas de compreender quem é a professora, quais responsabilidades lhe são atribuídas e quais conhecimentos passam a ser reconhecidos como constitutivos de sua atuação profissional.

Os resultados evidenciaram que as representações construídas pelos humoristas se organizam em torno de três eixos complementares. O primeiro associa a identidade da professora a práticas, objetos e performances cotidianas que se tornam marcas de reconhecimento social da profissão. O segundo amplia o debate para as expectativas dirigidas à docente, revelando um processo contínuo de expansão de suas responsabilidades para além do ensino. O terceiro evidencia a articulação entre formação acadêmica e saberes experienciais, mostrando que a prática docente se constitui no encontro entre conhecimentos científicos, experiências profissionais e aprendizagens construídas ao longo da vida. Embora distintos, esses eixos convergem para uma mesma compreensão da docência como uma prática complexa, relacional e permanentemente atravessada por múltiplos discursos.

Ao responder aos objetivos específicos da pesquisa, verificou-se que os humoristas mobilizam recursos discursivos, performáticos, multimodais e humorísticos que dependem da memória social compartilhada pelos interlocutores. A repetição de bordões, a construção de personagens, a encenação de situações reconhecíveis, a mobilização de objetos emblemáticos da escola, a alternância entre linguagem verbal, corporal e visual e a apropriação de

tendências da cultura digital constituem estratégias que favorecem o reconhecimento imediato da professora representada. O efeito humorístico não decorre apenas do exagero ou da ironia, mas da identificação do público com experiências que já circulam socialmente como constitutivas da docência.

Essa constatação permite afirmar que o humor, nesse contexto, opera como prática discursiva. Os *reels* analisados não apenas refletem uma realidade previamente existente, mas participam ativamente da produção de sentidos sobre a profissão docente. Ao selecionar determinadas experiências do cotidiano escolar e transformá-las em narrativas humorísticas, esses enunciados conferem visibilidade a aspectos específicos da docência, ao mesmo tempo em que silenciam outros. Produzem, portanto, formas particulares de compreender o trabalho docente, legitimando algumas representações e tensionando outras.

Entre as representações identificadas, destaca-se a permanência de discursos historicamente associados à feminização do magistério. Em todos os vídeos analisados, a professora é construída a partir de atributos como cuidado, disponibilidade, criatividade, paciência e capacidade de responder às mais diversas demandas da escola. Embora esses elementos apareçam frequentemente como objeto de crítica humorística, sua recorrência demonstra que continuam estruturando o imaginário social acerca da profissão. A professora permanece sendo representada como a principal responsável pela organização da vida escolar, assumindo funções que extrapolam o ensino e alcançam dimensões relacionadas ao cuidado, à proteção, à mediação de conflitos e à resolução de problemas cotidianos.

Contudo, a pesquisa também evidenciou movimentos de deslocamento dessas representações. O humor não se limita a reafirmar estereótipos; ele também explicita as tensões produzidas por essas expectativas. Ao expor a sobrecarga de trabalho, a insuficiência de recursos materiais, a ampliação constante das responsabilidades e a necessidade de mobilizar saberes construídos na experiência, os *reels* produzem uma crítica às condições concretas do exercício da docência. O riso, nesse caso, funciona como forma de elaboração simbólica das contradições vividas pelas professoras, permitindo que experiências individuais sejam compartilhadas e reconhecidas coletivamente.

Esse resultado conduz a uma das principais contribuições desta investigação. Ao contrário de abordagens que compreendem o humor apenas como entretenimento ou como simples reprodução de estereótipos, esta pesquisa evidencia seu caráter ambivalente. Os *reels* analisados atuam simultaneamente como espaços de reprodução e de contestação de discursos. Enquanto recorrem a imagens já estabilizadas para garantir o reconhecimento e a identificação do público, também problematizam essas mesmas imagens, evidenciando os

limites das expectativas dirigidas à profissão docente. O humor revela-se, assim, um espaço de negociação simbólica, no qual diferentes concepções sobre o "ser professora" disputam legitimidade.

Essa compreensão amplia as possibilidades de investigação da identidade docente na contemporaneidade. Tradicionalmente, os estudos sobre a profissão concentraram-se em documentos oficiais, políticas públicas, currículos de formação ou narrativas produzidas pelos próprios professores. Esta pesquisa demonstra que as plataformas digitais também constituem espaços privilegiados de produção de discursos sobre a docência. Os conteúdos humorísticos, frequentemente considerados efêmeros ou superficiais, revelam-se importantes artefatos culturais para compreender os modos pelos quais a profissão é significada na sociedade contemporânea.

Ao situar os *reels* como objetos legítimos de investigação, este estudo também contribui para aproximar os estudos da linguagem, os estudos discursivos e as pesquisas sobre formação de professores. A análise evidenciou que compreender a docência na contemporaneidade exige considerar não apenas os espaços institucionais de formação, mas também os ambientes digitais onde diferentes discursos disputam a produção de sentidos sobre o trabalho docente. As redes sociais deixaram de ser apenas meios de circulação de conteúdos; tornaram-se espaços de construção de identidades, de negociação de valores e de elaboração de experiências profissionais.

É importante reconhecer, entretanto, que esta investigação apresenta limites. O *corpus* foi constituído por três *reels*, selecionados em função de sua relevância discursiva para os objetivos propostos. Essa escolha privilegiou uma análise aprofundada dos enunciados, mas não permite generalizações sobre a totalidade das representações da docência presentes no *Instagram* ou em outras plataformas digitais. Além disso, o estudo concentrou-se em produções protagonizadas por humoristas que representam professoras, deixando em aberto outras possibilidades de investigação relacionadas à representação de professores homens, de diferentes etapas da educação ou de distintos contextos culturais.

Esses limites apontam caminhos para pesquisas futuras. Estudos posteriores poderão ampliar o *corpus*, investigar outros formatos de produção digital, comparar representações da docência em diferentes redes sociais, analisar a recepção desses conteúdos pelos próprios professores ou examinar como essas representações dialogam com questões de raça, classe, geração e regionalidade. Também se mostra promissora a investigação de como os discursos humorísticos influenciam a percepção social da profissão docente e suas relações com políticas educacionais e processos de valorização do magistério.

Esta pesquisa reafirma que compreender o “ser professora” implica compreender os discursos que circulam sobre a profissão. A identidade docente não se constitui apenas na formação inicial, na prática pedagógica ou nas políticas educacionais, mas também nas narrativas que diariamente são compartilhadas, comentadas e ressignificadas nas redes sociais. Os *reels* humorísticos analisados evidenciam que o humor se tornou uma linguagem privilegiada para narrar a docência, elaborar suas tensões e produzir formas de reconhecimento coletivo. Ao representar a professora, esses enunciados também participam da construção daquilo que a sociedade compreende por docência. É justamente nessa capacidade de produzir, disputar e transformar sentidos que reside sua relevância como objeto de pesquisa e, sobretudo, como fenômeno discursivo que ajuda a compreender o lugar da professora na cultura contemporânea.

Por fim, ao concluir este trabalho, compreendo que investigar as representações do “ser professora” significou, também, revisitar a minha própria trajetória de formação. Quando iniciei este trabalho, procurei localizar o momento em que a docência começou a fazer sentido para mim. Voltei à infância, às perguntas que insistiam em existir, às brincadeiras de escolinha, aos livros que despertavam curiosidade e às professoras que povoavam meu imaginário muito antes de eu compreender a complexidade da profissão. Hoje, percebo que aquelas lembranças não eram apenas recordações pessoais; constituíam as primeiras representações sobre o que significava “ser professora”. Ao longo desta investigação, essas imagens deixaram de ser apenas memórias afetivas para se tornarem objeto de reflexão, permitindo compreender que a identidade docente não nasce pronta, tampouco se reduz às expectativas que os outros constroem sobre ela. Ela é produzida continuamente no encontro entre histórias de vida, formação, práticas, relações e discursos que, em diferentes tempos e espaços, procuram definir quem a professora é ou quem deveria ser.

Se, na infância, eu acreditava que existiam respostas prontas para todas as perguntas, esta pesquisa me ensinou justamente o contrário. Compreendi que a docência não se explica por definições acabadas, nem pelas imagens idealizadas que durante tanto tempo cercaram a figura da professora. Entre as vozes que circulam na universidade, na escola, nas redes sociais e na própria experiência, o “ser professora” revela-se uma construção sempre inacabada, permanentemente negociada e ressignificada. Essa foi, sem dúvida, a principal aprendizagem que levo desta investigação. Mais do que encontrar respostas sobre quem é a professora, aprendi que compreender a docência exige permanecer fazendo perguntas. E, de algum modo, aquela menina que perguntava sobre tudo continua presente. A diferença é que hoje ela sabe que algumas das perguntas mais importantes não existem para serem definitivamente

respondidas, mas para continuarem produzindo conhecimento, inquietação e novos modos de olhar para a profissão docente.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Pablo; PEREIRA, Vinícius. Discurso e plataformas digitais: mediações e sentidos na cultura contemporânea. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 16, n. 2, p. 45-63, 2022.

ALMEIDA, Diogo. **Será que sou professora?** Instagram: @odiogoalmeida, 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DWXQFhMEdDH/. Acesso em: 1 jul. 2026.

ALMEIDA J. S. de. (1996). Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. *Cadernos De Pesquisa*, (96), 71–78. Recuperado de https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/816

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: Fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v. 1.

CARRIJO, Ana Júlia de Freitas; SATLER, Lara Lima. Incomunicabilidade na internet: o especificamente comunicacional nas redes sociais de adolescentes goianos. **E-Compós**, v. 25, 2022. DOI: https://doi.org/10.30962/ec.2538.

CHAGAS, Viktor; SANTOS, João. Memes, política e riso: o colapso de contextos nas redes sociais. **Galáxia**, n. 47, p. 1-18, 2026.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEBRAN, Raimunda Abou; TREVIZAN, Zenaide. A construção da identidade docente: aspectos históricos, sociais e culturais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 68, p. 145-162, 2017.

KAMINSKI, Sônia. **Professora**. Instagram: @soniakaminski_sks. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DJupUfjSGXB/. Acesso em: 16 maio 2026.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images:** the grammar of visual design. 3rd ed. London: Routledge, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAKNAMARA, Marlécio. Estudos culturais em educação e mídias digitais: produzindo significados. **Revista Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 521-539, 2012.

MAUR, Roberto. **Tia Lousa**: Enquanto isso na sala de aula…. Instagram: @robertomaur.oficial. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DWRUeT6kUMF/. Acesso em: 24 Maio 2026.

NÓVOA, António (org.). **Professores:** imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

OLIVEIRA BRUNET, Emanuella Bezerra de. Entre a Docência e o Gênero: O Jornal O Educador e os Significados do Feminino no Início da Década de 1920. Dissertação de Mestrado em História, UFCG, 2022.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. O trabalho docente na contemporaneidade: precarização e intensificação das rotinas escolares. **Educação & Sociedade**, v. 42, e241589, 2021.

PAZ, Severino. Formação de professores e práxis pedagógica: dilemas contemporâneos. **Revista Educação em Questão**, v. 61, n. 67, p. 1-22, 2023.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas do discurso humorístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

POSSEBON, Fabrício; POSSEBON, Elisa Pereira Gonsalves; DANTAS, Taísa Caldas. Educação emocional, formação humana e espiritualidade. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 33, e022026, 2022. DOI: https://doi.org/10.32930/nuances.v33i00.9488.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROSAS, Patrícia. O perfume das rosas: # uma professora improvável. João Pessoa: Editora do CCTA, 2024.

SAVELI, Eda Maria. A identidade docente em construção: reflexões sobre a formação e a prática. **Práxis Educativa**, v. 1, n. 2, p. 33-44, 2006.

SERRANO-HERNÁNDEZ, E.; BERNAD-MECHÓ, E. Science Dissemination in Instagram reels: A multimodal overview. **Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación**, v. 105, p. 293–306, 9 Mar.2026

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, *[S. l.]*, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721. Acesso em: 01 ago. 2026.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VALE, Maria do Socorro. **O discurso humorístico e a produção de sentidos.** Fortaleza: EdUECE, 2013.

VIANNA, Cláudia. O sexo e o gênero da docência: a feminização do magistério em discussão. **Cadernos Pagu**, n. 17-18, p. 269-291, 2001.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS 2

LISTA DE QUADROS 2

1 INTRODUÇÃO 6

1.1 Meu encontro com a docência: Trajetória Pessoal e acadêmica 6

1.2 Contextualização da Pesquisa 8

1.3 Problema de Pesquisa 10

1.4 Objetivos da Pesquisa 10

1.4.1 Objetivo geral 10

1.4.2 Objetivos específicos 11

1.5 Justificativa 11

1.6 Aspectos Metodológicos 12

1.6.1 Natureza da pesquisa 12

1.6.2 Constituição do *corpus* 13

1.6.3 Uso de ferramentas de inteligência artificial 18

1.7 Organização do TCC 19

2. IDENTIDADE DOCENTE, FORMAÇÃO, TRABALHO E REPRESENTAÇÕES DA DOCÊNCIA NO *INSTAGRAM* 21

2.1 Identidade docente: Perspectivas teóricas e construções sociais 22

2.2 Feminização do magistério e trabalho de cuidado 24

2.3 Formação docente e saberes da profissão 26

2.4 O trabalho docente na contemporaneidade 28

3. HUMOR E REPRESENTAÇÕES DA DOCÊNCIA NO *INSTAGRAM* 32

3.1 *Instagram*, *Reels* e cultura digital 34

3.2 A multimodalidade do *reel* 35

4. REPRESENTAÇÕES DO "SER PROFESSORA" NOS *REELS* HUMORÍSTICOS: DISCURSOS, PERFORMANCES E PRODUÇÃO DE SENTIDOS 37

4.1 A performance do "ser professora": Objetos, práticas e reconhecimento social 37